

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

PAULA DOS SANTOS FLORES

Estudo sobre a formação da identidade nacional francesa e o uso do conceito de nacionalismo para compreensão da fase final da Guerra dos Cem Anos a partir do *Journal d'un Bourgeois de Paris* (1405-1449)

PORTO ALEGRE

2011

Paula dos Santos Flores

Estudo sobre a formação da identidade nacional francesa e o uso do conceito de nacionalismo para compreensão da fase final da Guerra dos Cem Anos a partir do

Journal d'un Bourgeois de Paris (1405-1449)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharelado em História, pelo Curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Cybele Crossetti de Almeida

PORTO ALEGRE
2011

Paula dos Santos Flores

Estudo sobre a formação da identidade nacional francesa e o uso do conceito de nacionalismo para compreensão da fase final da Guerra dos Cem Anos a partir do *Journal d'un Bourgeois de Paris* (1405-1449)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharelado em História, pelo Curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Cybele Crossetti de Almeida

Aprovado em

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Rivair de Macedo – UFRGS

Prof. Dr. Igor Salomão Teixeira – UFRGS

PORTO ALEGRE
2011

AGRADECIMENTOS

À professora Cybele, que me orientou neste trabalho e me acolheu em suas pesquisas, sempre estimulando e respeitando as idéias dos alunos. Aos colegas de projeto, Alice Schaeffer da Rosa e Andreli de Almeida Zanirato e, em especial, ao querido amigo Luciano Costa Gomes que contribuiu com valiosas críticas a este trabalho. Ao professor Benito Schimidt, que me encorajou a definir este tema de pesquisa. E a todos os colegas com quem pude ter boas discussões, essenciais ao crescimento e aprendizagem.

Agradeço a linda família Caprio Aloíse, com especial carinho à Angela Caprio, por seu apoio e incentivo.

Agradeço a minha colega e grande amiga Renata Soares Costa, por seu companheirismo e bom-humor, leituras críticas e sugestões valiosas, não só neste, mas em vários trabalhos ao longo dos anos de graduação.

Eu não teria palavras para agradecer ao meu amado companheiro Devanir Weber, que me apoiou ao longo da graduação não só com seu carinho e dedicação, mas também com suas críticas, sugestões, lógica e sagacidade.

À minha mãe Eneida e minha irmã Caroline, que são tudo na minha vida.

RESUMO

O fenômeno do nacionalismo é um dos mais controversos na análise histórica. O tema tem sido estudado, pelo menos, desde 1860, sem jamais encontrar consenso entre os pesquisadores. Neste trabalho, nosso foco encontra-se na restrição sobre a existência do nacionalismo na Idade Média feita por vários autores. Nesse sentido, faremos uma breve exposição e síntese de algumas obras sobre o tema.

A análise sobre a conceitualização e sua aplicação para o período tardo-medieval surge na investigação sobre a obra *Journal d'un Bourgeois de Paris*. Esta, escrita entre 1405 e 1449, contempla a parte final da Guerra dos Cem Anos e nos remete a questões sobre o pertencimento e a xenofobia, sugerindo traços de manifestações proto-nacionalistas, que analisaremos a partir do debate teórico acima mencionado, tendo como recorte analítico a França, no século XV.

Além disso, trataremos de outros aspectos relativos ao conflito e a guerra civil francesa que ocorre entre 1407 e 1435, que opõe a nobreza francesa e que nos remete a discussão sobre os partidos políticos na Idade Média.

Palavras-chave: Nacionalismo; Guerra dos Cem Anos; Partidos Políticos

ABSTRACT

The nationhood is one of the most controversial in historical analysis. The subject has been studied, at least, since 1860, without ever finding consensus among researchers. In this paper, our focus is on restrictions on the existence of nationalism in the Middle Ages made by various authors.

Accordingly, we will make a brief presentation and synthesis of some works about the subject. The analysis of the conceptualization and its application to later middle ages research appears in *Journal d'un Bourgeois de Paris*. That, written between 1405 and 1449, covers the last part of the Hundred Years War and brings to mind questions about belonging and xenophobia, suggesting traces of proto-nationalist manifestations, we will examine from the theoretical discussion above, we will investigate France in the fifteenth century.

Furthermore, we will explore other aspects of the conflict and the French civil war that occurs between 1407 and 1435, which opposes the French nobility and that leads us to discussion of the political parties in the Middle Ages.

Keywords: Nationalism, the Hundred Years War, Political Parties

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	8
Referenciais teóricos	11
Metodologia.....	13
Objetivos.....	15
I - GUERRA DOS CEM ANOS	16
Antecedentes do conflito e sentimento nacional	16
Partidos Políticos na Idade Média	19
Guerra como cotidiano	22
II – A GUERRA VISTA PELO BOURGEOIS	27
Um período de insegurança	27
Armagnacs, Borguinhões e Ingleses sob ótica do Bourgeois	32
III – NACIONALISMOS	39
Comunidade Imaginada	41
Língua e Nação	43
CONCLUSÃO	46
BIBLIOGRAFIA	48
Anexo I	51
Anexo II	52

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é um desdobramento do projeto “Imagens de Joana d’Arc: História, Cinema e Literatura”¹, no qual foi feito um levantamento de obras que tem a heroína francesa como personagem. Na etapa seguinte da pesquisa, estas foram analisadas, problematizando a apropriação e as motivações dos autores/diretores.

Uma das obras selecionadas foi *Henrique VI*, drama histórico de William Shakespeare. Como resultado da análise, levando-se em consideração o envolvimento político do dramaturgo e o contexto do reinado de Elizabeth I², concluiu-se que o fato do autor retratar Joana como uma mulher de caráter duvidoso³, tem como motivação, não sua opinião sobre a Donzela, mas sobre a sua atuação, já que Joana encarnaria o povo francês⁴. Assim, criticando sua heroína, estende sua crítica a todo um povo que tem hostilidades antigas com seu país, a Inglaterra.

Nos séculos XVIII e XIX, no processo de construção dos símbolos nacionais da França, Joana foi “eleita” a heroína da França. Segundo José Murilo de Carvalho,

a escolha do herói não é arbitrária, não é feita no vazio social. A figura do herói tem de responder a alguma necessidade ou aspiração coletiva, deve ser um modelo coletivamente valorizado⁵.

¹ No projeto coordenado pela Profª. Drª. Cybele Crossetti de Almeida, atuou como Bolsista de Iniciação Científica (BIC – UFRGS/2007-2011), durante este período, foram produzidos vários trabalhos, dentre eles, destaque: FLORES, P. S. *Discussão sobre a questão do nacionalismo na Idade Média*. AEDOS, v. 2, p. 429-436, 2009. FLORES, P. S. *Guerra dos Cem Anos e a formação da identidade nacional na Inglaterra e na França*. In: XX Salão de Iniciação Científica, Porto Alegre, 2008. FLORES, P. S. *Crônicas medievais: Joana d’Arc no Journal d’un Bourgeois de Paris*. In.: XXII Salão de Iniciação Porto Alegre, 2010.

² Barbara Heliodora destaca a função pedagógica do teatro no período elizabetano. Vinculando os grupos de atores a nobres e utilizando-se de um aparelho de censura, a rainha tinha o controle do conteúdo das peças. Elizabeth I estimulou a produção cultural, e as peças tinham um vasto alcance, sendo representadas na corte e no interior, onde grupos de atores ambulantes representavam as peças já vistas pela aristocracia. HELIODORA, Barbara. *Falando de Shakespeare*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

³ No início da peça, Joana só consegue o apoio de Carlos VII porque consegue conquistá-lo com sua beleza. Joana aparece como guerreira valente durante a peça, mas se revela prostituta e feiticeira quando é capturada pelos ingleses.

⁴ FLORES, P. S. *Joana d’Arc por William Shakespeare: desconstruindo o mito nacional francês*. In.: XIX Salão de Iniciação Científica, 2007, Porto Alegre. Livro de resumos, 2007.

⁵ CARVALHO, José Murilo. *A Formação das Almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das letras, 1990. p.55.

As palavras do autor referem-se à construção da imagem de Tiradentes como um herói nacional brasileiro. No entanto, é impossível deixar de estabelecer analogias entre o uso de sua imagem e a apropriação de Joana d’Arc, sendo que a semelhança não está em suas vidas, mas na condição de heróis nacionais, símbolos de aspirações coletivas.

Analisando estas interpretações, que já trabalham com a imagem de Joana d’Arc consolidada como heroína nacional francesa, surge o questionamento: a partir de que momento Joana deixaria de ser a heroína da Guerra dos Cem anos e passaria a ser símbolo da França? A partir de que momento podemos utilizar o conceito de nacionalismo para explicar estas utilizações de sua imagem? É certo, porém, que Joana já era reconhecida como heroína por seus contemporâneos, como é possível perceber através da leitura de autores da época. É o caso, por exemplo, de Christine de Pisan que,

Contrária ao crescente domínio inglês, defendia o direito à sucessão do delfim Carlos, deserddado pelo Tratado de Troyes de 1420. A preocupação de Christine de Pisan com os rumos da guerra já havia sido expressa na *Lamentation sur les maux de la guerre civile* de 1410, bem como no seu *Livre de la paix*, escrito entre os anos 1412 e 1414, que demonstram a desolação da autora com a Guerra dos Cem Anos. Mas ao tomar conhecimento, no ano de 1429, da retomada de Orléans – sitiada pelos ingleses - e da entronização do delfim, ambos feitos notáveis atribuídos à Joana d’Arc, a escritora recupera as esperanças e compõe o *Ditié de Jehanne d’Arc*, no qual glorifica Joana e saúda o novo rei, Carlos VII.⁶

Ao estudar sobre a Guerra dos Cem Anos, nos questionamos sobre os efeitos da manutenção de um conflito tão longo, quais seriam seus efeitos na população francesa que sustentara o esforço de guerra e convivera com suas trágicas conseqüências? Na leitura das obras de Colette Beaune, vislumbramos uma resposta: o desenvolvimento de um sentimento nacional. Esta perspectiva, apesar de extremamente sedutora, carrega consigo dezenas de aspectos que necessitam de uma problematização consciente e crítica.

No Brasil, a produção historiográfica sobre o tema do nacionalismo para o período medieval, infelizmente, não conta com o mesmo grau de precisão dos conceitos utilizados para sua análise no período contemporâneo (se é que podemos nos dar ao luxo de utilizar o termo “precisão” no que tange à pesquisa histórica). Utilizando o

⁶ GOMES, Luciano, AMEIDA, Cybele Crossetti: *Poesia e História em defesa de um ideal: uma análise do Ditié de Jehanne d’Arc de Christine de Pisan*. In: PEREIRA, N. M., ALMEIDA, C. C., TEIXEIRA, I. S. (Orgs.). Reflexões sobre o medievo. São Leopoldo: OIKOS, 2009, p. 247-269.

conceito de nacionalismo, ou referindo-se ao conceito de patriotismo, os medievalistas não discutem as implicações de seu posicionamento, muitas das pesquisas, abrangendo apenas aspectos culturais, acabam descolando seus objetos da estrutura política e econômica, como se fosse possível analisar a expressão de intelectuais *de per se*, sem relacioná-la com os demais aspectos da sociedade medieval. Infelizmente, ainda estão presentes termos generalistas, que tratam a Idade Média como um bloco sustentado pelo binômio *feudalismo e cristandade*. No que se refere à temática abordada nesta pesquisa, destacamos como exceção a esta postura as obras de José Rivair de Macedo⁷ e José Roberto de Almeida Mello⁸.

Mesmo para períodos mais recentes, a discussão sobre o conceito de nacionalismo é extremamente controversa e carregada de disputas ideológicas. Benedict Anderson, na introdução do livro *Um mapa da questão nacional*, alerta que

todas essas incertezas significam que qualquer antologia que *mapeie o terreno* do nacionalismo tem mais probabilidade de encontrar os autores de costas uns para os outros, olhando para horizontes diferentes e obscuros, do que empenhados em um ordeiro combate de mãos dadas⁹.

Além das grandes dificuldades em estabelecer um consenso neste debate encontramos ainda um grande obstáculo, que é a restrição da aplicação do conceito de nacionalismo para o período medieval em estudos que, em sua maioria, realmente não levam em conta os fenômenos ocorridos neste período. Entendemos a grande dificuldade que envolve a entrada nesta discussão, mas pretendemos, com esta pesquisa, mesmo que a título de ensaio, propor o seguinte problema: Como compreender, através da problematização do conceito de nacionalismo para o período medieval, as manifestações sobre a Guerra dos Cem Anos, expressas na obra *Journal d'un Bourgeois de Paris* escrita na França no século XV?

Nossa problemática surge, em grande parte, a partir da leitura das obras da medievalista Colette Beaune, que apresenta o surgimento da nação francesa no período

⁷ MACEDO, José Rivair. *O problema do patriotismo e do nacionalismo francês na Idade Média e Quadrilogue Invectif de Alain Chartier*. In: Revista UMC, v.2, n.1, 1990, p. 50-56.

⁸ MELLO, José Roberto de Almeida. *A insularização da monarquia angevina e a formação da nação inglesa: séculos XIII e XV*. Tese de doutoramento, São Paulo: USP, 1972. MELLO, José Roberto de Almeida. Poesia política e relações anglo-francesas no século XIII. In: Revista de História, USP, n. 119 (jul/set 1985-1988).

⁹ ANDERSON, Benedict. Introdução. In.: BALAKRISHNAN, Gopal. *Um mapa da questão nacional*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000. p. 7

tardo-medieval. No entanto, ao realizarmos uma leitura mais cuidadosa de nossa fonte, nos deparamos com algumas incoerências entre a proposta teórica da autora, seus comentários no *Journal*¹⁰ e o conteúdo exposto no documento.

Devido à dimensão deste debate cabem aqui algumas ressalvas.

1. Acreditamos que a Guerra dos Cem Anos e seus desdobramentos constituem elementos centrais para a compreensão da formação da identidade nacional francesa e inglesa. Bernard Guenée, no entanto, adverte que “a história do sentimento nacional na França só pode progredir se os historiadores se livrarem da obsessão da Guerra dos Cem Anos e, centrarem suas pesquisas no século XII”¹¹. Não pretendemos aqui debater este argumento, pois não é o objetivo deste trabalho investigar a origem deste fenômeno. No entanto, acreditamos que o conflito constitui uma conjuntura onde as manifestações de sentimento nacional são mais evidentes e, talvez possamos dizer, necessárias.
2. Nesta pesquisa, pretendemos focar nossas atenções no desenvolvimento ocorrido na França, mas sem perder de vista os fenômenos ocorridos na Inglaterra, que observaremos pela bibliografia já produzida. Mesmo que ao longo do texto utilizemos o termo genérico “Idade Média”, destacamos que não podemos tomar este período como um bloco temporal de quase mil anos, muito menos entender a Europa Medieval, como se não existissem diversidades regionais. Nosso trabalho terá seu recorte temporal delimitado pela fonte principal, o *Journal d'un Bourgeois de Paris*, que abrange o período de 1405 até 1449, e as considerações sobre a formação da identidade nacional aplicam-se apenas ao caso francês, pela especificidade do conflito ali ocorrido.

Referenciais teóricos

O debate sobre nacionalismo apresenta, além de todas as dificuldades já expostas, uma extra relacionada com a natureza do fenômeno. O nacionalismo ou, como

¹⁰ A edição do *Journal d'un Bourgeois de Paris* que utilizamos em nossa pesquisa foi editada e comentada por Colette Beaune.

¹¹ GUENÉE, Bernard. *O Ocidente nos séculos XIV e XV: os Estados*. São Paulo: Pioneira, 1981. p.53

também é comumente nomeado, o sentimento nacional, estabelece dificuldades relacionadas à sua própria natureza. Como entender um sentimento? Como mensurá-lo?

Diante do extenso debate em torno do conceito de nacionalismo, nossa compreensão sobre este fenômeno baseia-se nas definições de Benedict Anderson, apesar de todas as restrições estabelecidas pelo autor, e na definição de José Roberto Mello, pois ambos contemplam de maneira mais universal o fenômeno.

José Roberto Mello entende o nacionalismo como um fenômeno mental e emocional, contemplando assim as manifestações conscientes e aquelas que não podem ser atribuídas a valores adquiridos. Seu conceito, assim como o de Anderson, nos permite analisar o nacionalismo como uma expressão “relativamente” espontânea, não apenas como uma ideologia projetada para estabelecer elos entre uma comunidade e o Estado.

No conceito desenvolvido por Anderson a nação é uma “comunidade política imaginada – e imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo soberana”¹², sendo que o nacionalismo se constitui no sentimento de pertencimento e de identidade com esta comunidade.

Anderson considera que a comunidade é “imaginada porque mesmo os membros da mais minúscula das nações jamais conhecerão, encontrarão, ou sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles”¹³. A comunhão estabelecida entre o povo francês, mesmo que tenha suas origens em períodos anteriores à Guerra dos Cem Anos, tem neste conflito a conjuntura mais favorável para expressões que exaltam essa comunhão, que manifestam a compreensão de que a comunidade francesa sofre com o conflito, principalmente pelo fato de que todo o esforço de guerra se realizou em território francês, com as tropas inglesas ocupando e pilhando as cidades e o campo.

Benedict Anderson, sobre o nacionalismo, afirma que

é difícil pensar em algum fenômeno político que continue tão intrigante quanto este e sobre o qual haja menos consenso analítico. Dele não há nenhuma definição amplamente aceita. Ninguém foi capaz de mostrar de forma conclusiva sua modernidade ou antiguidade. Discorda-se sobre sua origem, seu futuro é incerto¹⁴.

¹²ANDERSON, Benedict. Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Cia das Letras, 2008. p32

¹³ ANDERSON, 2008. p.32

¹⁴ ANDERSON, Benedict. Introdução. In.: BALAKRISHNAN, Gopal. Um mapa da questão nacional. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000. p. 7

Esta citação é ilustrativa da enorme discordância que acompanha os debates sobre nacionalismo. Este fenômeno, que é analisado pelo menos desde 1860, ainda encontra calorosos debates sobre sua definição, origem etc.

Em 1971, Bernard Guenée publica *O ocidente nos séculos XIV e XV: Os Estados*, que ganharia sua versão em português apenas em 1981, nesta obra o autor traça o que chama de “esboço historiográfico”, onde apenas aponta questionamentos. Sobre a existência de um sentimento nacional na Idade Média, o autor afirma que “a pergunta está incompleta e mal formulada. Seria melhor dizer: o que um europeu, no fim da Idade Média, entendia por ‘nação’?”¹⁵. Para o autor, seriam mais produtivas as análises que focassem no “estudo dos nomes particulares que os homens dão ao grupo do qual tem a consciência de fazer parte”¹⁶. Discordamos neste ponto, pois entendemos que devemos dissociar o fenômeno ao qual contemporaneamente nomeamos nacionalismo, e o deslocamento semântico que sofre a palavra “nação”. Mesmo que no período medieval não se utilizasse nação com a acepção que temos hoje, isso não significa que o fenômeno que nomeamos como nacionalismo não existisse, ainda que não nomeado.

Além do conceito de nacionalismo, permearão nosso debate outros conceitos, como propaganda política e partido político, dos quais trataremos com atenção em capítulo específico, relacionando-os com os relatos feitos no documento que utilizaremos como fonte.

Metodologia

O *Journal* apresenta várias peculiaridades, que necessitam ser destacadas, por terem condicionado diretamente nossa opção metodológica. Em primeiro lugar, a origem do documento: este possui uma cópia datada da segunda metade do século XV¹⁷, no entanto, o manuscrito original foi perdido. Além disso, nos deparamos com a ressalva feita por Colette Beune, comentadora da obra, de que

embora tenhamos mais de 7 manuscritos e muitas edições, o texto do *Bourgeois* está longe de ser um texto sem problemas (problemas de

¹⁵ GUENÉE, Op. Cit. p. 252

¹⁶ GUENNE, Op. Cit. p. 252

¹⁷ BEAUNE, Colette (Ed.). *Journal d'un Bourgeois de Paris*. Librairie Générale Française, 1990. p. 8

vocabulário e passagens mal copiadas). Mas a coisa mais incômoda é que se trata de um texto censurado em dois níveis¹⁸.

Beaune menciona cortes feitos em passagens “embaraçosas para a monarquia francesa”¹⁹ (fato que aceitamos e consideramos muito provável) e uma auto-censura imposta pelo próprio autor do *Journal*, ao omitir certos eventos (que exploraremos em capítulo específico). Esta proposta analítica da autora se torna demasiado problemática durante a leitura do texto, de onde surgem mais questionamentos: Como seria possível atribuir o status de “omissões voluntárias” às lacunas apresentadas em um texto que a própria autora reconhece ter problemas de cópias mal feitas? Ademais, da mesma forma que são omitidas algumas partes, há no texto referências a problemas na conduta do grupo com o qual o autor se identifica.

Entendemos que o esquecimento é um mecanismo presente nos relatos, mas devido às condições em que o documento chega até nós, temos que nos abster de fazer qualquer tipo de inferência baseadas em análises do que “não é dito” pelo autor, pela impossibilidade de garantir que as omissões decorrem da escrita original do documento.

Em segundo lugar, devemos destacar o problema com a identificação do autor: o prólogo do texto onde geralmente aparecem informações como o nome do autor, o título do texto e as intenções da obra foi perdido. A obra permanece anônima, mas o autor foi identificado como clérigo, pelo teor do conteúdo exposto na obra. Ao identificá-lo, não podemos perder de vista que desconhecendo sua identidade, podemos apenas supor seus vínculos com determinados grupos, caso contrário, caímos em rotulações simplistas. Por isso, iniciamos nossa investigação tratando apenas do mais latente na obra: o relato de um habitante de Paris²⁰, entre 1405 e 1449.

A denominação *Bourgeois de Paris* foi dada por Denys Godefroy, em 1653, em sua edição da obra *Historire de Charles VII* de Jouvenel de Ursins. Apesar da melhor tradução para a palavra *Journal* ser *Diário*, as anotações são anuais, destacando-se que nem todos os anos foram contemplados²¹, variando a extensão dos textos, e é provável que estes tenham se baseado em pesquisas de fontes e em relatos de testemunhas. Os temas tratados ao longo do documento são bastante variados, contendo relatos sobre o clima, epidemias, entradas reais, cenas de batalhas. Em nossas citações da obra,

¹⁸ BEAUNE, 1990, p. 9.

¹⁹ Idem, Ibidem p. 10.

²⁰ Idem, Ibidem p. 9.

²¹ Fato que pode ser atribuído a problemas nas cópias que o documento sofreu ao longo do tempo.

optamos por deixar nossa tradução no corpo do texto, e o original citado em nota de rodapé.

Objetivos

No primeiro capítulo, pretendemos analisar a conjuntura da Guerra dos Cem Anos, no século XV, principalmente em relação à Guerra Civil, que ocorre entre 1407 e 1435, analisando a posição do autor do *Journal* em relação a este conflito. E fazer uma breve retomada dos eventos que antecedem a Guerra dos Cem Anos, para apresentar manifestações populares sobre os conflitos anglo-franceses.

Nosso segundo capítulo trata da perspectiva do *Bourgeois* sobre a Guerra dos Cem Anos, destacando suas posições sobre o conflito entre Armagnacs e Borguinhões e, principalmente, sua posição sobre a Guerra e seu entendimento sobre as partes conflitantes.

No terceiro capítulo faremos uma exposição sobre a formulação teórica contemporânea sobre o conceito de nacionalismo articulando-a com as formulações que pensam este fenômeno para o período medieval. A partir desse debate, lançaremos a proposta de como analisar o relato do *Bougeois*, à luz deste conceito.

Gostaríamos de destacar, neste espaço, que este trabalho não tem a pretensão de apontar os erros dos autores ou de descartar suas contribuições, pelo contrário, escolhemos dialogar com autores que tratam do período contemporâneo para agregar em nossa análise suas reflexões sobre os fenômenos estudados. No entanto, em certos momentos, destacaremos as imprecisões, mas apenas aquelas que consideramos que atuam como restritivas do conjunto teórico.

E é nesse sentido, de contribuir com questionamentos, que se situa este trabalho. Não podemos apresentar conclusões sobre fenômenos tão complexos, baseando nossa pesquisa em apenas uma fonte, mesmo que rica e complexa como o *Journal*.

I - GUERRA DOS CEM ANOS

A Guerra dos Cem Anos inicia-se em 1337 e se estende até 1453, e é considerada a maior da Idade Média, não só pela sua duração, mas também pelo impacto causado nos reinos em conflito e suas implicações em outras partes da Europa.

Segundo Philippe Woolf, a própria expressão, Guerra dos Cem Anos, é enganadora²², pois não se constituiu em um conflito contínuo, mas sim em períodos de combate, alternados por extensas tréguas. Segundo Woolf, o conflito, que é denominado Guerra dos Cem Anos apenas no século XIX²³, se constitui na “fase mais dramática dos intermináveis conflitos anglo-franceses da Idade Média”²⁴, que tem suas origens no século XIII, conforme veremos adiante. O fim do conflito ocorre em 1453, “com o acordo assinado em Catillon na Guyenne – simples trégua, na verdade, mas depois da qual a guerra não se reascenderá”²⁵.

Exatamente por não ser um conflito ininterrupto, a maioria dos autores divide o conflito em fases, de acordo com o reacendimento das batalhas e a supremacia francesa ou inglesa. Esta pesquisa tem como recorte temporal o período de 1405 até 1449, fase final e mais brutal da Guerra dos Cem Anos²⁶. O período em questão foi delimitado pela obra que será analisada em nossa pesquisa, o *Journal d'un Bourgeois de Paris*. No entanto, em razão de nossa proposta de trabalho com o conceito de nacionalismo para o período medieval, faremos um recuo para as origens do conflito.

Antecedentes do conflito e sentimento nacional

Alguns autores²⁷ situam a origem da Guerra dos Cem Anos no século XIII com o desmembramento do Império Angevino entre 1202 e 1204, e o Tratado de Paris de 1259.

A formação do Império Angevino deve-se ao modo como os reinos se expandiam no período medieval, por guerras e por casamentos, como consequência,

²² WOLFF, Philippe. *Outono da Idade Média ou primavera dos tempos modernos?* São Paulo: Martins Fontes, 1988, p. 30

²³ CONTAMINE, Philippe. *La Guerre de Cent Ans*. Paris: Presses Universitaires de France, 1992. p.5.

²⁴ JOURDIN, Michel Mollat du. *La guerre de Cent Ans vue pra ceux qui l'ont vécue*. Paris: Éditions du Seuil, 1992. p. 7

²⁵ WOLFF, 1988, p. 30.

²⁶ JOURDIN, 1992. p 60

²⁷ MELLO, 1972. p. 199. CONTAMINE, 1992. p 7.

alguns reinos se constituíam por vários territórios, sem necessariamente ter uma continuidade geográfica ou um vínculo cultural ou lingüístico.

Em 1152, com o casamento do futuro monarca inglês, Henrique II Plantageneta, com Eleonor, duquesa da Aquitânia, o território sob o domínio do rei da Inglaterra teve um acréscimo territorial de parte da atual França e como consequência seus sucessores seriam também duques da Aquitânia²⁸ (ver anexo I). Mas esta situação não foi bem aceita pela Coroa da França.

Durante o século XIII, parte dos domínios continentais foram gradualmente perdidos pelos monarcas angevinos²⁹, sendo que grande parte deste dismantelamento ocorreu entre 1202 e 1204, durante o reinado do monarca inglês João sem Terra.

Os conflitos entre os reis ingleses e franceses não cessaram a partir deste momento. A tentativa de retomar a porção continental do Império Angevino persistiu até 1259, com o Tratado de Paris. Segundo este, Henrique III renunciava às terras perdidas pelo seu pai, João sem Terra, mantendo apenas a Gasconha e algumas ilhas no Canal da Mancha, mediante reconhecimento do rei da França como seu suserano. Esta situação, segundo Mello, gerou um choque de soberania entre os monarcas inglês e francês³⁰.

Encontramos na obra de José Roberto Mello uma análise das tensões geradas pelos conflitos anglo-franceses. Segundo o autor, “a Inglaterra começou a produzir no século XIII um tipo de poesia que se tornou como um espelho de sua evolução política e social no fim da Idade Média”³¹. Mello utiliza-se dessas poesias como fonte para análise da “apreciação das lutas continentais pela população inglesa que, em princípio, nada tinha a ver com as ambições de seus monarcas naquelas áreas”³².

As onerosas guerras para manutenção da porção continental do Império Angevino causaram uma “sistemática recusa dos barões em prestar auxílio feudal no continente e da comunidade do reino em custear as guerras”³³. Essa tensão também se manifestou na poesia que, segundo Mello, “na falta de imprensa e de outros meios de

²⁸ CONTAMINE, 1992, p.7.

²⁹ MELLO, 1972, p. 3.

³⁰ MELLO, José Roberto de Almeida. *Poesia política e relações anglo-francesas no século XIII*. In.: Revista de História, USP, n. 119 (jul/set 1985-1988). p. 207.

³¹ MELLO, 1985-1988, p.200.

³² Idem, ibidem, p. 200.

³³ Idem, ibidem, p. 200.

comunicação de massa, em seu conjunto, pode ser encarada como representativa das opiniões³⁴ da comunidade do reino”³⁵.

Mello destaca que

não foram as intrincadas batalhas judiciais, locais ou no parlamento de Paris, oriundas em partes dos termos do Tratados de 1259, que atraíram a atenção dos súditos insulares, mas sim três fatores recentes, preconizadores dos futuros focos de discórdia da Guerra dos Cem Anos, a saber: a ameaça a ilha, o envolvimento de Eduardo I como política flamenga e as guerras com a Escócia.³⁶

Esses três fatores manifestaram-se na poesia inglesa através do que o autor denomina de um incipiente sentimento nacional, quando questões que até então eram tomados como negócios privados entre o rei de França e o rei da Inglaterra passam a ser tratados como interesse da comunidade do reino.

Em 1328, morre o rei francês Carlos IV sem deixar herdeiros masculinos diretos. O trono francês tem dois pretendentes: Eduardo III, rei da Inglaterra, e Filipe VI, que acaba sendo coroado dando início à dinastia dos Valois.

A relação entre os dois pretendente fica mais clara quando observamos a genealogia (ver anexo II) a partir do monarca francês Filipe IV, o Belo. Eduardo III era seu neto pertencendo, portanto, à sua linhagem direta. Enquanto Filipe VI era filho do irmão de Filipe, o Belo, sendo, então, seu sobrinho neto.

Do ponto de vista dinástico, Eduardo III estava perfeitamente apto para assumir o trono. No entanto, um francês é o escolhido. As tensões geradas pela questão sucessória culminam em 1337, quando se inicia a Guerra dos Cem Anos propriamente dita.

O relato do *Journal d'un Bourgeois* inicia-se no ano de 1405, em um período de tréguas³⁷, por não ocorrer nenhuma grande batalha. No entanto, Jourdin adverte que

³⁴ É importante destacar aqui a preocupação de Mello, através do seguinte trecho, quando ao referir-se sobre a dificuldade de agrupar as poesias devido ao seu caráter muito variado, o autor adverte que “dificuldades semelhantes despontam quando tentamos identificar a sua procedência social e audiência a que se destinavam, pois ao lado de longos poemas em latim – certamente confinados nos limites das comunidades eclesíásticas – aparecem refrões populares em inglês, acompanhados de notação musical, cantadas, sem dúvida pelo populacho ou por vates populares. Portanto é preciso ter sempre em mente tais variações para não se tomar muito ao pé da letra os designativos de *populares* ou de representantes da *opinião pública*”. MELLO, 1985-1988. p 200

³⁵ Idem, ibidem. p. 200

³⁶ Idem, ibidem. p. 205.

³⁷ CONTAMINE, 1992, p.75.

estas tréguas eram precárias e imperfeitas³⁸, pois mesmo com acordos de suspensão de armas, a população francesa sofria com pequenos combates e pilhagens nas cidades e no campo.

Durante o período relatado pelo *Bourgeois*, ocorre apenas um grande enfrentamento entre ingleses e franceses: Azincourt, em 1415. Entretanto, o *Journal* é perpassado por um grave conflito interno: a guerra civil francesa, que oporá na nobreza francesa, dividida em dois grupos rivais, Armagnacs e Borguinhões, fato essencial na compreensão da obra.

Partidos Políticos na Idade Média

Muitas das referências encontradas sobre o *Journal d'un Bourgeois* identificam o autor como clérigo Borguinhão. Todavia, essa associação direta entre o autor e o grupo liderado pelo Duque de Borgonha pode nos passar uma idéia simplificada da inserção do autor na guerra civil francesa, que ocorre entre 1407 e 1435 e constitui-se em uma disputa pelo poder entre grupos da nobreza francesa.

A origem deste conflito está na disputa entre o Duque de Borgonha, João sem Medo, e Luis de Orléans, irmão do rei de França, Carlos VI, lideranças dos grupos que ficariam conhecidos³⁹, respectivamente, como Borguinhões e Armagnacs.

O estopim do conflito, ponto em que desaparece a esperança de uma conciliação, situa-se em 1407 com o assassinato de Luis d'Orléans por homens do Duque de Borgonha. Conforme mencionamos em nossa introdução, Colette Beaune sugere que determinados fatos omitidos⁴⁰ na redação do *Journal* podem estar relacionados com o posicionamento político do *Bourgeois*, e o assassinato de Luis d'Orléans seria uma destas situações. Entretanto, acreditamos que não é possível associar este evento com

³⁸ JOURDIN, 1992, p 8.

³⁹ A denominação dos partidos apresentou uma variação, principalmente de acordo com a preferência dos cronistas medievais. Além disso, Beaune aponta para variações ao longo do tempo. O partido “chamou-se Orléans ou orleanês, armanhaque a partir de 1411, delfinal, real ou francês a partir de 1420. Mas, em 1429, pelo menos três denominações diferentes são possíveis. Enfim, certos nomes foram objeto de repetidas proibições reais. As ordenações de Carlos VI, em 1411, depois em 1419, proibem o uso de armanhaque e borgonhês como injúria grave, incitação à sedição, perturbação da ordem pública”. BEAUNE, Colette. Joana d’Arc: uma biografia. São Paulo: Globo, 2006. p.251.

⁴⁰ Nos anexos da publicação, a autora destaca eventos que teriam sido omitidos voluntariamente ou não.

algum tipo de “autocensura”⁴¹ imposta pelo autor, visto que a edição que possuímos do relato inicia-se no ano de 1405 e não temos nenhum texto referente aos anos de 1406 e 1407, fato que nos parece estar mais relacionado com os problemas de cópias e transcrições do que com mecanismos de esquecimento adotados pelo autor.

A hipótese proposta por Beaune, de mecanismos de autocensura atuando como manifestações de opção partidária, encontram eco em seu livro *Joana d’Arc: uma biografia*⁴², obra na qual a autora dedica especial atenção à questão dos partidos políticos medievais, onde trabalha com a associação de Joana d’Arc ao grupo Armagnac por seus contemporâneos⁴³. Segundo a autora,

os partidos políticos medievais por muito tempo tiveram má reputação (reduzidos a clientelas) ou permaneceram desconhecidos tanto em suas estruturas quanto em suas ideologias ou seu impacto sobre a opinião.⁴⁴

Sua análise chega a sugerir um programa político de Orléans baseado “em uma elevação fiscal destinada a financiar um poder central eficaz e a guerra contra a Inglaterra”⁴⁵.

Para analisar a proposição de Beaune, buscamos apoio em algumas definições contemporâneas de *partido*. Estas, em sua maioria, excluem o conflito entre Armagnacs e Borguinhões dessa categoria. Destacamos aqui a concepção de Berstein que utiliza, na classificação dos grupos beligerantes na guerra civil francesa, o termo *forças políticas*, entendidas como “tendências constituídas no interior dos grupos que participam ou aspiram ao poder”⁴⁶.

A clássica definição weberiana, entretanto, caracteriza *partidos* como sendo as

relações associativas baseadas em recrutamento (formalmente) livre com o fim de proporcionar poder a seus dirigentes dentro de uma associação e, por

⁴¹ BEAUNE, 1990. p. 10

⁴² BEAUNE, Colette. *Joana d’Arc: uma biografia*. São Paulo: Globo, 2006.

⁴³ Trabalhamos com essa questão em FLORES, Paula. *A imagem de Joana d’Arc no Journal d’un Bourgeois de Paris: A Guerra Civil durante a Guerra dos Cem Anos*. XXIII Salão de Iniciação Científica, Porto Alegre 2011.

⁴⁴ BEAUNE, 2006. p. 239.

⁴⁵ Idem, *Ibidem*. p. 246

⁴⁶ BERSTEIN, Serge, *Os Partidos*. In.: REMOND, René (Org.) *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 62

meio disso, a seus membros ativos, oportunidades (ideais ou materiais) de realizar fins objetivos ou de obter vantagens pessoais, ou ambas as coisas.⁴⁷

E, nesta concepção, Weber não vê problemas em caracterizar os grupos conflitantes na Itália do século XIII, Guelfos e Guibelinos, como partidos. Tomando a definição de Weber podemos enquadrar Armagnacs e Borguinhões, pois, segundo Contamine, os dois tinham os mesmos objetivos de “ampliar e consolidar suas possessões, provendo-as de uma organização política militar e financeira sólida, conseguir a maior parte dos subsídios reais, tomar o primeiro lugar no governo monárquico”⁴⁸. No entanto, mesmo que se enquadre, de maneira genérica, na definição de Weber como grupos que buscam poder e vantagens pessoais, temos certas restrições em aceitar a proposição de Beaune, de que eram partidos políticos com programas definidos, visto que a própria autora define que “o partido medieval é fundado, antes de tudo, na clientela de um príncipe que ele deseja levar ao poder, nos períodos de ostentação, ou defender, na falta destes” e que “o sangue e a aliança estruturam o partido”⁴⁹.

Portanto, principalmente no que tange ao *Journal*, o contexto de guerra civil é fundamental, mas não utilizaremos o termo *partido*, em primeiro lugar porque, embora esta denominação apareça em outros documentos dos séculos XIV e XV, o *Bourgeois* não utiliza este termo em seu relato; em segundo lugar porque aceitamos a definição que pressupõe que *partidos* têm uma um programa claramente definido⁵⁰, e pela leitura de nossa fonte não podemos afirmar isto, portanto, temendo que o uso do termo, mesmo com ressalvas sobre a definição do conceito, carregue significados mais profundos, utilizaremos designações mais genéricas como *grupos* ou *facções*.

Além disso, associar o autor do *Journal* diretamente aos Borguinhões pode nos dar a falsa impressão de que ele estava engajado, ou que sua obra teria algum caráter panfletário. Suas opiniões sobre a guerra civil podem ser inferidas pelas denominações utilizadas nas referências aos grupos, como, por exemplo, os “falsos traidores Armagnacs”⁵¹. Por outro lado, podemos citar como exemplo das referências aos

⁴⁷ WEBER, Max. *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. 4ª Ed. – Brasília: Ed. UNB, 2000, 2009 (reimpressão). p 188.

⁴⁸ CONTAMINE, Philippe. *La guerre de Cent Ans*. Paris: Presses Universitaires de France, 1992 p. 79

⁴⁹ BEAUNE, Colette. Op. Cit. p. 241

⁵⁰ Mesmo que no período contemporâneo apareçam casos de organizações partidárias que não “preenchem os requisitos” estabelecidos pelos teóricos.

⁵¹ “Les faux traîtres Armagnacs”. BEAUNE, 1990, p. 53

Borguinhões: “e o povo de Paris amava tanto o Duque de Borgonha e o *prevôt*⁵² de Paris, Pierre des Essarts⁵³, porque ele cuidava bem da cidade de Paris”⁵⁴.

Como hipótese para analisar a posição do *Bourgeois* em relação aos Armagnacs, propomos a associação entre os ataques mencionados no relato, que não respeitam a conduta de guerra estabelecida, conforme veremos adiante.

Guerra como cotidiano

Pensando em um conflito tão longo, em um período onde a expectativa de vida não era muito alta, nos questionamos sobre como aqueles que viveram durante a guerra, que atravessa gerações, o entendiam. Pois, apesar da denominação Guerra dos Cem Anos remontar apenas ao século XIX, conforme apontamos anteriormente, os contemporâneos tinham consciência da duração do antagonismo⁵⁵.

E não apenas isso, pois ao trabalhar com a poesia escrita no período inicial da Guerra dos Cem Anos, na Inglaterra, Mello destaca que

percorrendo a poesia popular e a literatura de propaganda e confrontando-as com as do século anterior temos a impressão de uma ruptura com o passado: os contemporâneos viram a Guerra dos Cem Anos como um conflito novo, provocado pela justa reivindicação de Eduardo III ao título de rei da França.⁵⁶

Questionamo-nos sobre como analisar um período de conflito, quando, segundo Pierre Azéma,

à dificuldade de estudar serenamente a guerra desprezando as pressões das opiniões preconcebidas acrescenta-se uma desvantagem suplementar: em

⁵²O *prevôt* de Paris era um representante real que tinha como funções administrar, julgar e recolher impostos. BEAUNE, 1990, ANEXO V.

⁵³Pierre des Essarts exerce cargos importantes em Paris de 1408 até 1410, quando ocupa o cargo de Capitão de Paris, e entre 1411 e 1412, período em que atua como *prévot*.

⁵⁴Et tout ce n'était que pour l'envie qu'ils avaient, pour ce les gens de Paris aimaient tant le duc de Bourgogne et le *prévôt* de Paris nommé Pierre des Essarts, pour ce qu'il gardait si bien la ville de Paris. BEAUNE, 1990, p. 53.

⁵⁵CONTAMINE, 1992, p. 6 e JOURDIN, 1992, p.7.

⁵⁶MELLO, 1972 p. 17.

tempo de guerra, diluem-se os pontos de referência que habitualmente permitem balizar a vida política.⁵⁷

A proposição de Azéma aplica-se aos conflitos contemporâneos, no entanto, não pode ser aplicada diretamente quando trabalhamos com um conflito medieval, que fez parte da vida de várias gerações de indivíduos. Pensamos que, ao contrário de diluir os pontos de referência, a Guerra dos Cem Anos está situada no seio da gênese de algumas das instituições que servirão de base para a constituição do Estado Moderno. Por exemplo, a questão dos impostos, que durante a Guerra dos Cem Anos foram utilizados para financiar a guerra e a centralização do poder. Segundo Beaune, a intensificação da cobrança de impostos foi largamente utilizada pelos Armagnacs, principalmente para custear a consolidação do poder de Carlos VII⁵⁸. Os impostos são um dos temas mais freqüentemente criticados pelo Bourgeois e nos apresenta mais uma explicação para sua aversão aos Armagnacs.

A máxima de Clausewitz, de que a guerra é a continuação da política por outros meios⁵⁹, aplica-se ao contexto da Guerra dos Cem Anos, pois o conflito decorre das animosidades geradas pela questão sucessória. No entanto, ao estudo sobre a Guerra no período medieval agregam-se outras questões, sem as quais corremos o risco de cair nas generalizações que tanto criticamos.

Inicialmente, questionamos sobre a questão da legitimação do conflito perante a comunidade do reino. Poderíamos sugerir que devido a sua duração, a guerra tornou-se uma constante na vida dos franceses?

No *Journal*, sugerimos que a guerra fazia parte cotidiano, pois nos relatos há uma alternância entre assuntos banais e relatos do conflito. Exemplo disso é o relato do ano 1409, quando entre a descrição da chegada do rei em Paris e a de uma execução, o *Bourgeois* relata que, devido a uma forte chuva, uma das estátuas de Notre-Dame quebrou-se⁶⁰. Essa organização do texto é recorrente, encontramos outro exemplo no

⁵⁷ AZÉMA, Pierre. *A Guerra*. In.: REMOND, René (Org.) *Por uma História Política*. Rio de Janeiro : Editora FGV, 2003, p. 407.

⁵⁸ BEAUNE, 2006, p.246.

⁵⁹ CLAUSEWITZ, Carl von. *Da guerra*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

⁶⁰ L'an 1400 et 9, le jour de la mi-août, fit del tonnerre, environ entre cinq ou six heures du matin, qu'une image de Notre-Dame, qui etait sur le moutier de Saint-Ladre, de forte Pierre et toute neuve , fut du tonnerre tempêtée et rompue par le milieu, et portée bien loin de là. BEAUNE, 1990, p 33.

ano de 1428, onde o relato sobre “tantos besouros que os idosos disseram jamais ter visto”⁶¹, é seguido pela descrição do sítio a Mans, quando no

dia 25 de maio, a terça-feira das festas de Pentecostes, no ano de 1428, capturando por traição, os Armagnacs, a cidade de Mans, e da captura vários da cidade consentiram, pois assim os ditos Armagnacs prometeram que eles iriam mantê-los livres [os cidadãos de Mans] e estariam com eles como amigos, mas assim que eles tiveram o domínio da cidade, eles roubaram, mataram, pilharam e estupraram meninas e mulheres e fizeram todo o tipo de mal que se pode fazer a um inimigo àqueles que acreditaram amigos⁶².

Outra questão que temos que colocar são os valores sobre a guerra em uma sociedade que teve postulações que refletem a tentativa de legitimar a divisão da sociedade em três ordens: os que oram, os que trabalham e os que lutam. Como analisar a necessidade de legitimação da guerra em uma sociedade em que se aceita que uma parcela da população tenha como fim em si a atividade guerreira? Seria necessário que o rei legitimasse seu conflito diante de toda população, ou apenas uma parcela da sociedade diretamente afetada pelos conflitos?

A convivência com a guerra, conforme destacamos nos trechos anteriormente citados, não nos deve passar a impressão de uma aceitação, pois o próprio *Bourgeois* narra o descontentamento expresso através de uma série de procissões piedosas, e aponta o pedido de paz como motivação para a manifestação. Segundo Contamine⁶³, as procissões se constituem em meios de expressão da propaganda de guerra. No ano de 1412, por exemplo, são mencionadas sete procissões, descritas por Contamine como “uma forma bem conhecida de *religião cívica*”⁶⁴, dentre elas destacamos o seguinte relato,

⁶¹ “Em cette année, fut tant de hannetons que les anciens disaient avoir oncques vu”. BEAUNE, Colette (Ed.). *Journal d'un Bourgeois de Paris*. Librairie Générale Française, 1990, p. 242. Tradução minha.

⁶² “Le 25^e jour de mai, le mardi des fêtes de la Pentecôte, l’an 1428, prirent par trahison les Armagnacs la cite du Mans, et du prendre furent plusieurs de la ville consentants, par ainsi lesdits Armagnacs promirent qu’ils les garderaient en leur franchise et seraient avec eux comme amis, mais sitôt qu’ils eurent la seigneurie de la ville, ils pillèrent, robèrent, efforcèrent filles e femmes, et firent tous les maux qu’on peut faire à sés ennemis à ceux qui les cuidaient amis”.

⁶³ CONTAMINE, Philippe. *Aperçus sur la propagande de guerre, de la fin du XIIe au XVe siècle: les Croisades et la Guerre de Cents Ans*. In: Camarosano, P. *Le forme della propaganda politica nel due e nel trecento*. Ed. P. Rome, 1994, p. 8.

⁶⁴ Idem, *Ibidem*, p. 11

Na semana seguinte, todos os dias fizeram procissões muito piedosas, (...) orando a Deus para que em sua santa graça a paz fosse restabelecida entre o rei e os senhores da França, porque pela guerra toda a França piorou de amigos e riquezas⁶⁵. *Grifo nosso*.

Além dessas manifestações que, com muitas ressalvas, poderíamos denominar *populares*⁶⁶, Jourdin elenca uma série de documentos “destinados a sacudir a apatia e a indiferença, senão as negligências, dos homens e dos governantes”⁶⁷, demonstrando assim que os contemporâneos do conflito o viam como fonte de muitos males: não podemos nos esquecer que nos períodos de tréguas, as forças inglesas permaneciam em território francês pilhando e devastando cidades e o campo.

Nesses tempos não havia novidades, exceto sobre o mal que os ingleses faziam na França, porque dia após dia conquistavam cidades e castelos, e minavam todo o reino da França de riquezas e pessoas, e tudo enviavam para a Inglaterra.⁶⁸

Destacamos que neste trecho o autor relaciona a presença inglesa aos males que se abatem sobre todo o reino da França.

Nesse capítulo apresentamos uma visão dos aspectos mais gerais relatados no *Journal*, que estarão presentes ao longo do texto.

É relevante observar que a alternância entre relatos banais e apontamentos sobre os conflitos, nos permite sugerir como hipótese interpretativa que a guerra fazia parte de seu cotidiano, pois o autor nunca descreve os conflitos como anomalias, ao contrário, suas observações nos remetem para seu entendimento como algo que há muito tempo ocorre. No entanto, isso não significa que a guerra fosse aceita, pois o autor jamais a justifica, pelo contrário, sempre a aponta como causadora dos males que se abatem

⁶⁵La semaine ensuivant, tous les jours [firent] moult piteuses processions chacun à son tour, et les villages d'entour Paris semblablement venaient moult dévotement, tous nu-pieds, priant Dieu que par as saint grâce (la)paix fût reformée entre le roi et les seigneurs de France, car par la guerre toute France était moult empirée d'amis et de chevanche, car on ne trouvait rien au plain pays qui ne lui portait. BEAUNE, 1990, p. 49

⁶⁶ Conforme abordamos na nota 35.

⁶⁷ Jourdin, 1992, p. 10

⁶⁸ En ce temps n'était nouvelle fors que du mal que les Anglais faisaient em France, car de jour em jour gagnaient villes et châteaux, et minaient tout le royaume de France dde chevanche et gens, et tout envoyaient em Angleterre. BEAUNE, 1990, p. 147.

sobre a comunidade do reino, como depreendemos de frases como “essa guerra tanto mal fez”⁶⁹.

Ao constatarmos que mesmo alguém que durante toda a vida presenciou a guerra entre Inglaterra e França, e que mesmo assim não a aceitava, nos questionamos sobre a necessidade de legitimação do conflito perante a comunidade do reino, pois como vimos através dos estudos de Mello para o caso inglês, essa começou a demonstrar interesse pelos conflitos. O *Bourgeois* refere-se ao sofrimento que atinge *toda a França*, logo, percebemos em seus escritos uma noção de compartilhamento do sofrimento por uma comunidade, comunidade delimitada, pois sofrem os franceses. No capítulo seguinte trataremos de questões mais específicas expostas pelo *Bourgeois*, especialmente, a relação entre a guerra civil francesa e a Guerra dos Cem Anos, e o sofrimento que aflige o reino.

⁶⁹ BEAUNE, 1990, p. 150.

II – A GUERRA VISTA PELO *BOURGEOIS*

O *Journal d'un Bourgeois* foi escrito num período de forte tensão política, guerras e peste e traz consigo as marcas desse contexto turbulento. O *Journal* nos apresenta uma série de aspectos da sociedade medieval, obviamente, não nos mostra um panorama suficientemente amplo, pois surge de um lugar específico, expressando, em última instância, a percepção de apenas um indivíduo. Não podemos, pois, a partir de seus relatos estabelecer conclusões definitivas sobre qualquer um dos temas abordados neste trabalho, mas acreditamos que, mesmo respondendo apenas aos valores de uma pequena parcela da sociedade, ele nos aponta para questões mais gerais. Neste capítulo apresentaremos alguns aspectos que julgamos relevantes para a compreensão da Guerra dos Cem Anos, e para a análise da aplicabilidade do conceito de *nacionalismo*, para a França, no século XV.

Um período de insegurança

Os relatos do *Bourgeois* refletem a insegurança gerada não só pela guerra com a Inglaterra, mas também pelos conflitos entre Armagnacs e Borguinhões, pelos saques que as cidades sofriam, aumento dos preços e escassez de comida, catástrofes climáticas e pela peste. Dois temas são freqüentemente abordados nos relatos do *Journal*: os impostos⁷⁰ e a morte.

As medidas relacionadas à segurança da cidade de Paris são o primeiro relato de nossa edição do *Journal*, no ano de 1405

Cerca de dez ou doze dias depois, foram alteradas as fechaduras e chaves de Paris, e foram feitos o monsenhor de Berry e o monsenhor de Bourbon capitães da cidade de Paris, e foi tão grande a abundância de homens em armas em Paris que as cidades ao redor não ficaram sem gente.⁷¹

⁷⁰ Não abordaremos a questão dos impostos neste trabalho.

⁷¹ Et environ dix ou douze jours après, furent changées les serrures et clefs des portes de Paris, et furent faits monseigneur de Berry et monseigneur de Bourbon capitaines de la ville de Paris, et vint si grande

Logo nos primeiros anos relatados no *Journal*, o principal temor, na perspectiva do *Bourgeois*, não era relacionado com as tropas inglesas, mas sim com as invasões e saques Armagnacs. Conforme mencionamos em capítulo anterior, as posições do *Bourgeois*, em relação ao conflito entre Armagnacs e Borguinhões, podem ser definidas pelos adjetivos que acompanham as menções a estes grupos. Como hipótese, sugerimos que sua posição relaciona-se diretamente com a postura que as tropas têm dentro das cidades, como por exemplo, em relação aos Borguinhões, o autor, em 1405, aponta que “o povo do Duque de Borgonha não pegava nada sem pagar”⁷². Por outro lado, no relato escrito em 1411, a referência é de que “os homens de Berry e de seus ajudantes pilhavam, roubavam e matavam na igreja e fora da igreja, especialmente aqueles do conde de Armagnac e os Bretões”⁷³.

Essas críticas que o *Bourgeois* faz ao comportamento das tropas Armagnacs se baseiam em preceitos para a guerra estabelecidos pela Igreja entre os séculos X e XII⁷⁴, na tentativa de amenizar a violência que sofriam os não-combatentes: a paz de Deus e a trégua de Deus. As queixas do *Bourgeois* relacionam-se diretamente com o primeiro destes movimentos, como podemos depreender do seguinte relato, em 1420, onde o autor escreve que os “Armagnacs estão sempre correndo ao redor de Paris, pilhando, roubando, matando, estuprando mulheres e meninas, mulheres de religião”⁷⁵.

O preceito da Paz de Deus remonta ao ano de 975, em Le Puy, quando o Bispo Guy de Anjou afirmou a necessidade da proteção dos bens da Igreja e dos camponeses. Apenas posteriormente, a proteção seria aplicada a outros não combatentes, como freiras, peregrinos, etc. O desenvolvimento desses preceitos ocorreu durante as Cruzadas, e foi amplamente aceito na Europa⁷⁶, e pelos relatos do *Bourgeois*, podemos perceber sua permanência: mesmo que o autor não cite explicitamente, seu conceito de conduta de guerra aceitável é balizado pela proteção dos não-combatentes. Partindo da identificação do autor como clérigo, podemos relacionar essa preocupação com a sua própria segurança, com sua própria “isenção” do conflito. De fato, se os Armagnacs não respeitavam os preceitos de Paz de Deus, sua vida estaria em risco, como a de qualquer

foison de gensd'armes à Paris que aux villages d'entour ne demeurèrent aussi nulles gens. BEAUNE, 1990. p. 29

⁷² (...) les gens du dessus dits duc de Bourgogne ne prenaient rien sans payer. BEAUNE, 1990. p. 29.

⁷³ Et les gens de Berry et de ses aidants pillaient, robaient, tuaient en église et dehor église, spécialement ceux du comte de Armagnac et les Bretons. BEAUNE, 1990. p. 35.

⁷⁴ CONTAMINE, 1998. p. 270.

⁷⁵ Et toujours couraient autour de Paris le Armagnacs, pillant, robant, boutant feux, tuant, efforçant femmes et filles, femmes de religion. BEAUNE, 1990, p. 155.

⁷⁶ REZENDE Fº, Cyro. *Guerra e Guerreiros na Idade Média*. São Paulo: Contexto. 1996, p. 71

outro parisiense. No entanto, apenas essa hipótese não é suficientemente satisfatória, pois não podemos ingenuamente acreditar que o grupo Borguinhão respeitava estritamente os preceitos da Paz de Deus.

Infelizmente, ao trabalharmos nesta monografia com apenas uma fonte, não podemos cotejar os dados relativos aos enfrentamentos ocorridos em Paris. Entretanto, para trabalhos futuros, já temos outras fontes em vista para poder analisar esta e outras questões que ficaram pendentes neste trabalho. Provisoriamente, apontamos a relação entre a posição de clérigo do *Bourgeois* e o não cumprimento, por parte dos Armagnacs, dos preceitos definidos pela Igreja como um viés interpretativo, mas não descartamos a possibilidade de sua posição na guerra civil estar balizada por laços políticos, ou até mesmo familiares. Infelizmente, esta interpretação permanece um enigma devido ao anonimato do autor do *Journal*.

Além dos preceitos da Paz de Deus, outra referência às iniciativas da Igreja no campo militar na questão das Cruzadas, é o comparativo recorrente entre Armagnacs e Sarracenos, como, por exemplo, no ano de 1419, onde o autor relata que

sempre correm os Armagnacs, como antes dito, matando, pilhando e colocando fogo em por toda a parte, sobre mulheres, sobre homens [e] sobre grãos , e fazem pior que os Sarracenos⁷⁷

A denominação sarracenos é uma identificação, dada pelos cristãos, aos turcos muçulmanos que, supostamente, não respeitavam nenhuma moral⁷⁸. Os Armagnacs, ao não respeitarem os preceitos para a guerra, “fazem tanto mal, como fizeram os Sarracenos”⁷⁹, e dessa forma, no universo do *Bourgeois*, são qualificados como “o outro”, questão que exploraremos adiante.

É interessante observar que, na citação acima, é primeira vez que encontramos a comparação entre Armagnacs e Sarracenos, datada do ano de 1411, mesmo ano em que houve a excomunhão dos Armagnacs

⁷⁷ Et toujours couraient le Armagnacs, comme devant est dite, tuaient, pillaient, boutaient feux partout sur femmes, sur hommes [et] sur grains et faisaient pis que Sarrasins. BEAUNE, 1990. p. 141.

⁷⁸ Idem Ibidem. p.39, notas.

⁷⁹ Et firent tant de maux, comme les eussent faits les Sarrasins. BEAUNE, 1990. p. 39

E neste dia [...] diante de todo o povo foi maldito e excomungado toda a companhia dos Armagnacs, e todos seus ajudantes e simpatizantes [...] e foram excomungados pela boca do Santo Padre, de tal forma que não podem ser absolvidos por ninguém, nem prelado, que não o Santo Padre e à beira da morte.⁸⁰

Segundo Beaune, as excomunhões são vulgarizadas no fim da Idade Média, sendo utilizadas como arma política. É interessante observar que os Borguinhões também foram excomungados no ano de 1417, entretanto, não encontramos nenhuma referência no *Journal* sobre este evento.

A morte é constantemente relatada pelo *Bourgeois*, algumas decorrentes das disputas entre Armagnacs e Borguinhões, como execuções, das quais algumas não são acompanhadas pelo relato das infrações que ocasionaram tal punição, e podemos sugerir que o *Bourgeois* as desconhecia, e relatava apenas como simples espectador de tais eventos.

Além das mortes decorrentes das disputas políticas, como por exemplo, o descrito em 1419, quando “em março, foi feito um grande assassinato na cidade de Sens [...] porque os da cidade queriam colocar os Borguinhões⁸¹ em seu interior”⁸², a peste e a fome causavam muitas vítimas, trinômio característico nas representações sobre a Idade Média: a guerra a fome e a peste.

Os grandes surtos de peste ocorreram no século XIV, a partir de 1348⁸³ a doença espalhou-se pela Europa e, aliada à fome, aumentou o número de mortes no período. Segundo Heers, “durante todo o século XV a peste grassa em estado endêmico; está presente na mente de cada um e aumenta o sentimento de angústia e miséria”⁸⁴.

⁸⁰ Et ce jour que nos gens furent à Saint-Denis était la vigile Saint-Martin d’hiver, et fut ce jour faite une procession générale à Notre-Dame de Paris, et là, devant tout le peuple, fut maudite et excommuniée tout la compagnie de Armagnacs, et tous leurs aidants et confortants, et furent nommés par (leur) nom tous les grands seigneurs de la maudite bande, c’est à savoir: le duc de Berry, le duc de Bourbon, le comte d’Alençon, le faux comte d’armagnac, le connétable, l’archevêque de Sens frère du davantdit Montaigu, Robert de Tuillières, lieutenant du prévôt de Paris, frère Jacques le Grand Augustin, qui le pis conseillait de tous; et furent excommuniés de la bouche de Saint Père, tellement qu’ils ne pouvaient être absous par pêtre nul, ni prélat, qui du Saint Père et en article de mort. BEAUNE, 1990, p. 43-44

⁸¹ Neste trecho, encontramos uma das poucas referências ao grupo pela denominação borguinhão.

⁸² Fut faite grande occision en la cité de Sens, que le seigneur de Guittré y fit, pour ce que ceux de la cité voulaient mettre les Bourguignones dedans sans son su, car il en était bailli. BEAUNE, 1990, p. 141.

⁸³ HEERS, Jacques. O Ocidente nos séculos XIV e XV: aspectos econômicos e sociais. São Paulo: Pioneira, 1981, p. 80

⁸⁴ Idem, Ibidem, p.81.

Em 1418, o *Bourgeois* escreve que “perto do final do mês de agosto, fez grande calor de dia e de noite, e com isto uma grande mortalidade de *boce* e epidemia, e tudo com jovens e crianças”⁸⁵. Nos meses seguintes, a situação piora, em setembro,

Em Paris e no entorno, a mortalidade é a mais cruel que vimos nos últimos 300 anos, pelo dito pelos idosos; porque nenhum dos que foi atingido pela epidemia escapou, especialmente os jovens e as crianças. E tantos morreram no final do mês, que rapidamente, se concordou em fazer no cemitério de Paris grandes fossos, onde colocaram trinta ou quarenta em cada um⁸⁶.

No mesmo ano,

todo o mês de outubro e novembro a mortalidade foi cruel como antes dito, e ninguém sabia mais onde enterrá-los, foram feitos grandes fossos, cinco no Saint-Innocents, quatro na Trinité, nos outros de acordo com seu tamanho, e em cada um colocaram cerca de seiscentas pessoas⁸⁷.

No ano de 1421, a peste, a fome e a guerra aparecem encadeadas, e a elas soma-se um quarto elemento: os lobos.

Os lobos estavam com tanta fome que eles cavaram com suas patas, os corpos das pessoas que estavam enterradas nas vilas e campos, para onde quer que fôssemos, foram encontrados mortos nos campos e nas cidades que sofriam com a grande pobreza [em tempos de carestia e fome], pela maldita guerra que sempre crescia dia-a-dia de mal a pior⁸⁸.

⁸⁵ Vers la fin du mois d'août, faisaient si grande chaleur de jour et de nuit, et avec ce était très grande mortalité de boce et d'epidémie, et tout sur jeunes gens e sur enfants. BEAUNE, 1990, p. 129

⁸⁶ Cedit mois de septembre, était à Paris et autour la mortalité si très cruelle, qu'on eût vu depuis 300 ans par le dit des anciens; car nul n'échappait qui fut féru de l'épidémie, espécialment jeunes gens et enfants. Et tant mourut vers la fin dudit mois, et si hâtivement, qu'il convint faire ès cimetières [de Paris] grandes fosses, où on en mettait trente ou quarente en chacune, et étaient arrangés come lards, et puis [un peu] poudrés par-dessus de terre. BEAUNE, 1990, p. 133

⁸⁷ Tout le mois d'octobre et de novembre, fut la mort ainsi cruelle comme devant est dit, et quand on la vit si dervée qu'on ne savait mais où les enterrer, on fit grandes fosses, aus Saint-Innocents cinq, à la Trinité quatre, aux autres selon leur grandeur, et en chacune on mettait six cents personnes ou environ. BEAUNE, 1990, p. 134

⁸⁸ Étaient les loups si affamés qu'ils déterraient à leurs pattes les corps des gens qu'on enterrait aus villages et aux champs; car partout ou on allait, on trouvait de morts et aux champs et aux villes de la grande pauvreté qu'ils soffraient [du cher temps et de la famine], par la maudite guerre qui toujours croissait de jour en jour de mal en pire. BEAUNE, 1990, p. 170-171

Armagnacs, Borguinhões e Ingleses sob ótica do Bourgeois

Trabalhamos no subcapítulo anterior com a hipótese de que a posição do *Bourgeois* em relação à Guerra civil poderia estar baseada na conduta de guerra apresentada por Armagnacs e Borguinhões. No entanto, na análise da obra, não podemos perder de vista o conflito maior entre França e Inglaterra, pois nosso autor articula ambos em seus escritos, como podemos ver no relato escrito em 1419, inclusive responsabilizando a divisão causada pela guerra civil pelas derrotas francesas.

e na primeira semana de fevereiro, os ingleses tomaram Mantes, e muitas fortalezas do entorno, e não havia homem que pudesse remediar, porque os senhores da França estavam enfurecidos uns com os outros, porque o delfim da França estava contra seu pai por causa do Duque de Borgonha que estava com o rei, e todos os outros senhores de sangue Francês eram prisioneiros do rei da Inglaterra [da batalha de Azincourt].⁸⁹

Inicialmente, o principal alvo das críticas do *Bourgeois* são os Armagnacs. Fato que supomos estar relacionado com o período de tréguas entre Inglaterra e França, como já mencionamos. E as referências que encontramos às “guerras por toda a França”⁹⁰, dizem respeito aos enfrentamentos com tropas Armagnacs.

Uma das primeiras referências aos Ingleses ocorre no ano de 1415, quando “estavam os ingleses em Paris para tratar do casamento de uma das filhas do rei da França”⁹¹. O autor refere-se à investida feita por Henrique V, monarca inglês responsável pelo reacendimento dos conflitos, que antes de entrar em conflito armado “faz uma ofensiva diplomática”⁹², onde exige a cessão de territórios que formavam o Império Angevino e a mão de Catarina, filha de Carlos VI, rei da França. Segundo

⁸⁹ La première semaine de février audit an, fut prise Mantes par les Anglais, et plusieurs forteresses d'autor, et n'était homme qui y mit aucon remede, car les seigneurs de France étaient si courcés l'un à l'autre, car le dauphin de France était contre son père na cause du duc de Bourgogne que était avec le roi, et tous les autres seigneurs du sang de France étaient prisonniers du roi d'Angleterre de la bataille de Azincourt. BEAUNE, 1990. p. 139.

⁹⁰ BEAUNE, 1990. p. 79.

⁹¹ À ce temps étaient les Anglais à Paris pour traiter d'une mariage à une des filles du roi de France. BEAUNE, 1990. p. 84.

⁹² CONTAMINE, 1992 p. 83.

Contamine, a facção Armagnac, para impedir a formação de uma aliança anglo-borgonhesa, cede a quase todas as exigências inglesas⁹³.

A partir da retomada dos conflitos entre Inglaterra e França, podemos acompanhar vários relatos onde o autor expressa claramente sua identificação com a França, compreendendo todos os territórios franceses atacados por um país inimigo: o outro, o inglês. Apesar da ênfase em Paris, o que é perfeitamente aceitável, já que é a capita e a cidade onde o autor vive, em seus relatos, a cidade não está descolada de “todo o reino da França”⁹⁴, que está sendo invadida pelo “rei da Inglaterra”, que “com todo o seu poder na Normandia, toma o porto de Harfleur, e sitia Harfleur e todas as boas cidades do entorno”⁹⁵. No entanto, o foco de suas atenções ainda está nos Armagnacs, “maldosos e sem piedade”⁹⁶, que ainda são o principal alvo de suas críticas e assim permanecerão até 1436 com o final da guerra civil.

No ano seguinte, 1416, a loucura de Carlos VI e as vitórias inglesas modificam a conjuntura política. Com a vitória inglesa no combate travado em Azoncourt, acompanhamos a manifestação do *Bourgeois* sobre a derrota compartilhada pelos franceses, pois Henrique V tem na Inglaterra “prisioneiros do sangue da França, que foram capturados em Azincourt”⁹⁷.

A posição do *Bourgeois* em relação aos ingleses sofrerá uma grande mudança, marcada no final do relato do ano de 1419, ano em que ocorre o assassinato de João sem Medo, Duque de Borgonha, sucedido por seu filho Felipe, o Bom, que fez alianças com os ingleses.

Segundo o relato do cortejo fúnebre

do bom duque falecido e do sire de Navailles que morreu com ele, que Deus vele suas almas e de todos os outros falecidos[...] porque nesta maldita guerra, que tanto mal faz, que acredito sessenta anos passados, não seria o reino da França, como era [de mal] esses doze anos⁹⁸

⁹³ Idem, ibidem, p.83

⁹⁴ (...) tout le royaume de France. BEAUNE, 1990, p. 53

⁹⁵ Le mois d'août ensuivant, au commencement, arriva le roi d'Angleterre à tout sa puissance em Normandie, et prit port emprès Harfleur, et assiégea Harfleur et les bonnese Villes d'entour.

⁹⁶ BEAUNE, 1990, p.91.

⁹⁷ BEAUNE, 1990, p. 92

⁹⁸ [...] du bon duc trépassé et du sire de Navailles qui fut mort avec lui, dont Dieu veuille avoir les âmes et tous les autres trépasses, et veuille donner grâce à nous e a toute cette gent de le connaître, comme nous

Em seguida o autor lamenta todos os mortos e todas as calamidades decorrentes da guerra, e responsabiliza

a desafortunada e maldita vinda de Bernard, o Conde de Armagnac, condestável da França, porque, jamais, desde que surgiu na França o nome de Armagnac e Borguinhão, todos os males que podemos pensar ou dizer, ocorreram no reino da França, o clamor do sangue inocente derramado grita vingança diante de Deus, e eu acredito em minha consciência que o dito conde de Armagnac era um inimigo em forma de homem, porque eu não vi ele nem ninguém de seu bando que tivesse a lei e a fé cristã, como todos que estava sob suas ordens, como as pessoas que renegaram o criador, como era claro por todo o reino da França. *Eu ousou dizer que o rei da Inglaterra não teria tanto atrevimento de colocar os pés na França [para guerra] se não fosse a disputa feita por esse maldito nome, nem o nobre sangue Frances derramado, nem o senhores do reino exilados, nem a batalha perdida, nem tantas boas pessoas mortas na lamentável jornada de Azincourt, ou o rei perdido seus bons e leais amigos, se não fosse o orgulho do maldito nome Armagnac.*⁹⁹

Nessa reflexão sobre os rumos que toma a política francesa, nosso autor faz uma consideração essencial para compreensão de seu relato deste ponto em diante

Eu não acredito que desde o tempo do Rei Clóvis, que foi o primeiro rei cristão, que a França também foi dividida e desolada como é hoje, porque o Delfim não faz outra coisa, dia e noite, ele e os seus, que estragar todo o país de seu pai, a fogo e sangue; e os Ingleses por sua parte fazem tanto mal quanto os sarracenos. *Mas é melhor ser romado pelos Ingleses que pelo Delfim ou sua gente, que se dizem Armagnacs.* E o pobre rei e a rainha, desde

devons, et nous donne ce que disait à sés apôtres: “Paix soit avec vous!” car par cette maudite guerre tant de maux ont été faits que je cuide qu’en soixante ans passés par devant, il n’avait pas eu au royaume de France, comme il a été [de mal] puis douze ans en ça. BEAUNE, 1990, p.150.

⁹⁹ la très malheureuse et damnable venue de Bernard, le comte d’Armagnac, connétable en France; car, oncques, puis que le nom vint en France de Bourguignon et d’Armagnac , tous les maux qu’on pourrait penser ni dire ont été tous commis au royaume de France, tant que la clameur du sang innocent [repandú] crie devant Dieu vengeance. Et je cuide en ma conscience que ledit comte d’Armagnac était un ennemi en forme d’homme, car je ne vois nul qui ait été à lui, ou qui de lui se renomme, ou qui se porte as bande , qui tiene la loi ni foi chrétienne, ains se maintiennent envers tous ceux dont ils ont la maîtrise, comme gens qui auraient renié leur Créateur, comme il appert par toute le royaume de France. Car j’ose bien dire que le roi d’Angleterre n’eût été tant hardi de mettre le pied en France [par guerre], si n’eût été la dissension que a été de ce malheureux nom, et fût encore toute Normandie française, ni le noble sang de France ainsi répandu, ni les seigneurs dudit royaume ainsi menés en exil, ni la bataille perdue, ni tant de bonnes gens morts n’eussent oncques piteuse journée d’Azincourt, où tant perdit le roi de sés bons et loyaux amis, si ne fut l’orgueil de ce malheureux nom Armagnac. BEAUNE, 1990, p. 152-153

a tomada de Pontoise, não saem de Troyes, como fugitivos tirados de seu lugar pelo seu próprio filho.¹⁰⁰ *grifo nosso*

O *Bourgeois*, portanto, não apóia a coroação de Carlos VII, mesmo sendo filho e legítimo sucessor do rei da França. Como podemos perceber através do trecho acima transcrito, nosso autor considera os ingleses “um mal menor” em comparação com a tomada de poder pelos Armagnacs. Nesse sentido, nosso autor escreve, em 1420, que os Armagnacs estavam piores que nunca, cometendo tiranias e crueldades, que se comportavam como diabos

por isso se acordou um tratado com o rei da Inglaterra, que era antigo inimigo da França, (...), pela crueldade dos Armagnacs, e foi dada uma das filhas da França, chamada Catarina.¹⁰¹

A citação acima se refere ao Tratado de Troyes, que poria fim à guerra sucessória, visto que Henrique V se proclamava herdeiro de Eduardo III, reivindicando a coroa francesa. O tratado previa que Carlos VI permaneceria rei até sua morte, fato que, segundo Contamine, implica no reconhecimento da legitimidade dinástica dos Valois¹⁰². O casamento de Catarina com Henrique V o tornava monarca dos reinos quando Carlos VI morresse, tirando a legitimidade da sucessão pelo Delfim, Carlos VII, também filho de Carlos VI. Segundo Contamine, “união pessoal, e não fusão: cada reino deveria conservar seus direitos, suas liberdades, seus costumes e suas leis”¹⁰³.

O relato sobre o Tratado de Troyes nos remete para a discussão proposta por Beaune sobre a omissão voluntária de alguns fatos, pois o *Bourgeois* em nenhum momento menciona que o tratado foi intermediado pelo duque de Borgonha e responsabiliza os Armagnacs por esta medida.

¹⁰⁰ Je ne cuide mie, que depuis le temps du roi Clovis, qui fut le premier roi chrétien, que Francefut aussi désolée et divisée comme elle est aujourd’hui, car le Dauphin ne tend à autre chose jour et nuit, lui et les siens, que de gêter tout le pays de son père à feu et à sang; et les Anglais d’autre cote font autant de mal que les Sarrasins. Mais encore vaut-il trop mieux être pris des Anglais que du Dauphin ou de sés gens, que si disent Armagnac; et le pauvre roi et la reine depuis la prise de Pontoise ne se meuvent de Troyes à pauvre mesnie, comme fugitifs et déchassés hors de leur lieu par leur propre enfant, qui est grande pitié à penser à toute bonne personne. BEAUNE, 1990.p.153

¹⁰¹ Par quoi il convint tratât au roi d’Angleterre, qui était l’ancien ennemi de France, malgré qu’on eût , pour la cruauté des Armagnacs, et lui fut donée une des filles de France, nomée Caterine. BEAUNE, 1990.p. 158

¹⁰² CONTAMINE, 1992, p. 87

¹⁰³ Idem, Ibidem, p.87

As conseqüências do Tratado de Troyes aparecem relatadas no ano de 1422, quando morrem Henrique V, rei da Inglaterra, e Carlos VI, rei da França. Conforme mencionamos anteriormente, o tratado previa que, após a morte de Carlos VI, Henrique seria seu sucessor, com a morte deste, a coroa dos dois reinos pertenceria a Henrique VI, nascido em 1421, que seria representado por um regente, devido à sua minoridade. No entanto, a coroa francesa será reivindicada pelo Delfim, futuro Carlos VII.

Essa disputa é relatada pelo *Bourgeois*, que descreve que o povo de Paris prestou juramento ao Duque de Bedford, irmão de Henrique V, e regente da França, prometendo lealdade ao seu poder e combater Carlos “que se diz rei da França”¹⁰⁴.

A partir desta situação, nos vemos diante de um grande problema em nossa análise. Ao trabalharmos com o conceito de nacionalismo, imaginamos que o caminho natural do relato seria a revolta contra os ingleses, e principalmente contra o grupo Borguinhão que se aliou ao inimigo. No entanto, o *Bougeois* toma o rumo oposto.

Em seu texto, o *Bourgeois* ainda destaca as diferenças entre ingleses e franceses, pois em seus escritos permanece a denominação “o inglês”, e aqueles “que falam a língua da Inglaterra”¹⁰⁵. Mas sua posição em relação aos ingleses muda, e seus pontos positivos são ressaltados no texto. Em 1428, os Armagnacs sitiaram a cidade de Mans¹⁰⁶,

e quando a dita cidade foi tomada, o capitão [John Talbot], que por ordem do regente estava 20 milhas longe da cidade, quando soube do que havia acontecido, ele ficou muito irado. Ele financiou trezentos homens em armas e voltou à cidade antes de clarear o dia, porque quando a cidade viu a grande crueldade dos Armagnacs, eles ficaram com tanto ódio que deixaram o capitão entrar.¹⁰⁷

¹⁰⁴ Furent sementés tous ceux de Paris, c'est à savoir, bougeois, ménagers, charreiers, bergers, vachers, porchers des abbayes, et les chambrières et les moines même, d'être bons et loyaux au duc de bedford, frère de feu Henry roi d'Angleterre, regent de France, de lui obéir en tout e partout, et de nuire de tout leur pouvoir à Charles qui se disoit roi de France et à tous ses alliés et complices. BEAUNE, 1990, p. 198.

¹⁰⁵ BEAUNE, 1990, p. 211.

¹⁰⁶ Relato transcrito anteriormente.

¹⁰⁷ Quand ladite cité fut prise, le capitaine qui y était de par le régent ordonné était allé en une sienne affaire environ vingt lieues loin de la cité, quand il sut la chose comment elle était, s'il fut moult courcé nul ne demande. Il fit finance de trois cents hommes d'armes, et s'en vint le vendredi ensuivant environ minuit, et fit tant qu'il regagna la cité avant qu'il fût guère grand jour; car quand la commune vit la grande cruauté des Armagnacs, ils les prirent en si grande haine qu'ils laissèrent entrer dedans ledit capitaine, ou au moins ne se défendirent-ils que bien peu. BEAUNE, 1990, p. 243.

No ano de 1429, não há relatos sobre a coroação de Carlos VII, mas podemos acompanhar uma mudança nas anotações sobre as tropas inglesas, a partir de 1430 começam a aparecer relatos de ingleses que pilham igrejas.

Em 1435, Carlos VII consegue por fim à guerra civil através do Tratado de Arras. Com isso, consegue o reconhecimento interno de sua coroação e põe fim a dupla monarquia estabelecida pelo Tratado de Troyes¹⁰⁸. O *Bourgeois* não escreve sobre o tratado, seus reflexos aparecem no ano de 1436, quando o termo Armagnacs aparece associado a franceses,

quando os franceses ou armagnacs viram que não conseguiriam fazer outro acordo, eles ficaram mais fortes que antes, eles direcionaram seu poder para Normandia, e em pouco tempo ganharam os melhores portos de mar.¹⁰⁹

Nos relatos do *Journal*, a partir desse momento, consolida-se a oposição entre franceses e ingleses, que tornam-se os inimigos por definição. No ano de 1436, também aparece pela primeira vez o reconhecimento de Carlos VII, nomeado pelo *Bourgeois* como *roi Charles*¹¹⁰, ou seja, o acordo, e não a coroação, fez dele o rei da França perante o *Bourgeois*.

Até 1420, os relatos do *Bourgeois* seguem uma linha de oposição entre ele e o grupo ao qual apóia (nossa gente) e Armagnacs e Ingleses, que são responsabilizados pelos males que o reino da França sofre. Com a aliança anglo-borgonhesa, entretanto, o autor não rompe com seu apoio aos Borguinhões, pelo contrário, seu relato começa a destacar aspectos positivos na conduta dos ingleses, e coloca em destaque as figuras de liderança inglesa, como o regente da França, Duque de Bedford.

Ao pensarmos na análise do *Journal* a partir do conceito de nacionalismo, essa postura do autor nos causa algum incômodo, pois poderíamos pensar que a postura mais condizente estaria relacionada com fortes críticas aos Borguinhões.

Entretanto, para compreensão da postura do *Bourgeois* diante dos eventos de 1420, destacamos dois aspectos: em primeiro lugar, ao longo do relato fica evidente o apreço que o autor manifesta sobre a ordem legítima estabelecida, portanto, um tratado estabelecido tem um forte respaldo; em segundo lugar, que sua postura não se torna

¹⁰⁸CONTAMINE, 1992, p 101.

¹⁰⁹ Quand les français ou Armagnacs virent qu'ils ne purent trouver autre accord, ils se mirent sus plus fort que devant, ils se mirent en Normandie à puissance, et en peu de temps gagnèrent les meilleurs ports de mer. BEAUNE, 1990, p. 344.

¹¹⁰ BEAUNE, 1990, p 349.

incompatível com a noção de nacionalismo se a interpretarmos a partir do conceito de identidade, que segundo Genet

é um termo se não perigoso, pelo menos, de manuseio delicado: se aplica ao indivíduo, bem como qualquer comunidade. Assim, é inevitável que, além de sua identidade individual, cada membro de um determinado grupo tenha várias identidades, de acordo com as diferentes comunidades para que possa pertencer. Essas identidades podem ser justapostas, combinadas e hierarquizadas¹¹¹.

Ao apoiar os Borguinhões na aliança com os ingleses o autor acompanha a opinião de grupo que conquistou sua confiança na disputa interna francesa. A maioria dos autores refere-se ao *Bourgeois* como anglófilo¹¹², no entanto, na leitura do *Journal*, nos parece que qualquer tipo de rótulo obscurece a complexa rede de associações que norteia os apoios dados pelo autor. Borgonhês, talvez. Certamente, o autor apóia o grupo borguinhão, chegando a identificar-se através de referências como “nossa gente”, todavia, nada nos indica que tenha qualquer participação direta em relação ao grupo. Anti-armagnac, sem dúvidas. Beaune caracteriza o mundo político do *Bourgeois* como maniqueísta, e os Armagnacs representam o mal ao longo de quase todo o seu texto¹¹³. O apoio aos ingleses foi conjuntural, determinado mais por seus apoios aos borguinhões do que por convicções próprias. Sua concepção de uma comunidade francesa é latente ao longo de todo o texto, uma comunidade que compartilha uma língua, que é diferente da língua dos ingleses, que compartilha um sangue, e que compartilha um destino nefasto causado pela guerra maléfica e diabólica¹¹⁴.

¹¹¹ GENET, Jean-Philippe. *Identité, espace, lange*. In.: Cahiers de recherché médiévales et humanists, n 19, 2010. p. 2.

¹¹² SILVA, Victor Deodato da. *Cavalaria e nobreza no fim da Idade Média*. São Paulo : Itatiaia: Editora da Universidade de São Paulo, 1990. p. 231. Silva também sugere que o *Journal* possui mais de um autor, ambos anglófilos. A questão sobre a autoria do *Journal*, nos parece ponto pacífico, sendo Silva uma das únicas referências a possibilidade de mais de um autor.

¹¹³ BEAUNE, 1990, p.18.

¹¹⁴ BEAUNE, 1990, p. 345.

III – NACIONALISMOS

The origins of the Nation is a subject that has blessed us with much theorizing but little information.¹¹⁵

As discussões sobre “nacionalismo tem mais probabilidade de encontrar os autores de costas uns para os outros, olhando para horizontes diferentes e obscuros, do que empenhados em um ordeiro combate de mãos dadas.”¹¹⁶

O tema do nacionalismo vem sendo analisado, pelo menos, desde 1860, sem jamais encontrar um consenso entre os autores, como pode ser depreendido da consideração feita por Benedict Anderson. Os estudos sobre este tema carregam muito mais que a análise de um fenômeno, trazem consigo toda carga de opções políticas e ideológicas feitas pelos autores. Nesta parte de nossa pesquisa, buscamos compreender esse fenômeno tão controverso.

Seria demasiado audacioso tentar, nesse espaço, reunir em uma síntese debates que atravessam décadas, mas não considerá-los em nosso trabalho empobreceria a análise. Por esse motivo, selecionamos algumas obras com as quais discutiremos a conceitualização do fenômeno do nacionalismo, com especial atenção à obra de Benedict Anderson, pois utilizamos sua teoria como base para análise do *Journal* e pretendemos analisar neste capítulo as considerações do autor sobre a problemática do nacionalismo para o período medieval.

Iniciamos nossa exposição com a proposta de Mello, que analisa as definições de nacionalismo, e atenta que o fenômeno encontra definições estabelecidas para o período que compreende o fim da Antiguidade até o século XI (com os conceitos de tribalismo ou patriotismo urbano) e a partir do século XVIII (nacionalismo), mas que o período intermediário encontra-se num hiato de indefinição e imprecisão. Segundo Mello, “aqueles que parecem não ter nunca considerado seriamente o ‘nacionalismo’ na Idade Média; nunca procuraram defini-lo por ele mesmo, sem se embaraçar com o seu conceito atual”¹¹⁷.

Mello faz uma crítica muito consistente sobre as pesquisas sobre o nacionalismo na Idade Média

¹¹⁵ BEUNE, Collete. *The birth of an ideology: myths and symbols of nation in late-medieval France*. Berkeley : University of California Press, 1991, p. 1.

¹¹⁶ ANDERSON, Benedict. *Introdução*. BALAKRISHNAN, Gopal. Um mapa da questão nacional. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000, p.7.

¹¹⁷ MELLO, 1972, p. 214.

Quase todos [os estudiosos], porém cometem o pecado de usar determinado tipo de fonte ou acontecimentos e generalizar suas conclusões; de selecionar apenas um ou dois elementos, segundo suas idéias pessoais acerca do nacionalismo, e interpretá-los - malgrado as afirmações iniciais em contrário - à luz dos conceitos atuais. Com isso o “nacionalismo” medieval tem sido um tanto desacreditado como anacronismo e fruto de exagero por parte dos historiadores.¹¹⁸

Recusando uma definição baseada em um estabelecimento de critérios condicionadores da existência do sentimento nacional (território, língua, por exemplo), Mello o define como um “fenômeno a um tempo mental e emocional”¹¹⁹, pois

esta colocação nos fornece bases suficientes para classificar os seus integrantes sem contudo deformá-los contra uma definição previamente estabelecida. Fenômeno mental, porque se expressa através de termos e conceitos. Emocional, sensível a atuações de certos valores adquiridos, mas nem sempre bem explicitados, ele manifesta-se em determinadas formas de comportamento em relação à comunidade étnica e territorial, ou em relação ao estranho à mesma.¹²⁰

Com esta definição, Mello possibilita uma análise do fenômeno do nacionalismo sem uma vinculação necessária com uma conjuntura específica. Na obra *Comunidades Imaginadas*¹²¹, de Benedict Anderson encontramos um argumento, que julgamos incompatível com a teoria de Mello apenas em relação com sua aplicabilidade para o período medieval.

Na introdução da obra, Anderson questiona o motivo que leva as pessoas a morrerem por seu país. A questão, obviamente, se refere a conflitos do período contemporâneo. A seguir, temos a definição de Nação como uma “comunidade política imaginada - e imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo soberana”¹²². Assim como na proposta de Mello, Anderson teoriza o nacionalismo a partir da noção de pertencimento, entretanto, o autor dedica atenção à explicitação da não-existência do nacionalismo na Idade Média, como veremos adiante.

¹¹⁸ Idem, Ibidem, p. 215.

¹¹⁹ Idem, Ibidem, p. 223

¹²⁰ Idem, Ibidem p. 223.

¹²¹ ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

¹²² ANDERSON, Benedict. 2008. p. 32.

Comunidade Imaginada

Anderson baseia sua teoria sobre o nacionalismo a partir da noção de pertencimento a uma comunidade, esta é

imaginada porque mesmo os membros da mais minúscula das nações jamais conhecerão, encontrarão, ou sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles ¹²³.

O *Bourgeois* menciona repetidamente o sofrimento que se abate sobre todo o reino da França.

A nação é limitada “porque mesmo a maior delas, possui fronteiras finitas, ainda que elásticas, para além das quais existem outras nações. Nenhuma delas imagina ter a extensão da humanidade” ¹²⁴. Desconhecemos, tanto da parte francesa, quanto da inglesa, alguma manifestação que apresente tendência ao universal. E acompanhamos no *Journal* o claro entendimento da relação entre França e Inglaterra, mesmo no período do Tratado de Troyes, quando houve a tentativa de estabelecer uma dupla monarquia, o *Bourgoies* diferenciava os dois países.

A partir da simples análise destes elementos, poderíamos supor que a teorização proposta por Anderson serviria de modelo para compreensão dos fenômenos ocorridos no período medieval, todavia, o autor nega a existência de um nacionalismo medieval.

Para Anderson, o nacionalismo não poderia existir em períodos anteriores ao século XVIII, período marcado não só “pelo amanhecer da era do nacionalismo, mas também [pelo] anoitecer dos modos de pensamentos religiosos” ¹²⁵.

O século do Iluminismo , do secularismo racionalista, trouxe consigo as trevas modernas. A fé religiosa declinou , mas o sofrimento que ela ajudava a apaziguar não desapareceu [...] Então foi preciso que houvesse uma transformação secular da fatalidade em continuidade, da contingência em significado. Como veremos, poucas coisas se mostraram (se mostram) mais adequadas a essa finalidade que a idéia de nação. ¹²⁶

¹²³ ANDERSON, Benedict. 2008, p. 32.

¹²⁴ ANDERSON, Benedict. 2008, p. 33.

¹²⁵ ANDERSON, Benedict. 2008, p. 38.

¹²⁶ ANDERSON, Benedict. 2008, p. 38.

Anderson propõe o entendimento do nacionalismo a partir de dois sistemas culturais, “que o precederam, e a partir dos quais ele surgiu, inclusive para combatê-los”¹²⁷: a comunidade religiosa e o reino dinástico.

Em contrapartida à argumentação de Anderson, destacamos a obra de Ernst Kantorowicz¹²⁸, que trabalha com o processo, a partir do séc. XIII, onde a “lealdade à pátria territorial restrita, à pátria comum de todos os súditos da coroa, (...) [substitui] os vínculos supranacionais de um império universal fictício”¹²⁹. Enquanto Anderson relaciona o surgimento do nacionalismo com o desgaste da comunidade religiosa, Kantorowicz trabalha com a ideia de uma apropriação secular de mecanismos religiosos. Nesse sentido, destacamos a observação de Colette Beaune, sobre a ausência de um vocabulário secular, o que justificaria a utilização do vocabulário religioso nas relações políticas no período medieval.

Diante desta perspectiva, o nacionalismo não surge como substituto à decadente unidade cristã, Kantorowicz desenvolve a idéia que “as inter-relações entre a Igreja e o Estado, produziram híbridos em ambos os campos. Empréstimos e trocas mútuas de insígnias, símbolos políticos, prerrogativas e honrarias sempre se realizaram entre os líderes espirituais e seculares da sociedade cristã”¹³⁰. A partir do século XIII,

os intercâmbios entre Igreja e Estado continuaram, mas o campo de influência mútua, expandindo-se dos dignitários individuais para as comunidades compactas, doravante era determinado por problemas legais e constitucionais concernentes à estrutura e interpretação dos corpos políticos.¹³¹

Na Guerra dos Cem Anos e, parcialmente, no relato do *Bourgeois* acompanhamos alguns mecanismos religiosos utilizados com finalidades políticas como, por exemplo, as excomunhões de Armagnacs e Borguinhões e o próprio processo de condenação de Joana d’Arc por heresia, lembramos também dos relatos do *Bourgeois* sobre as procissões piedosas em nome do fim da Guerra, tratadas por Contamine como manifestações de propaganda política, assim como as orações públicas

¹²⁷ ANDERSON, Benedict. 2008, p. 39.

¹²⁸ KANTOROWICZ, Ernst H. Os dois corpos do rei: um estudo sobre teologia política medieval. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

¹²⁹ KANTOROWICZ, op. cit, 1998, p.155.

¹³⁰ KANTOROWICZ, op. cit, 1998, p. 125.

¹³¹ KANTOROWICZ, op. cit, 1998, p. 125.

e missas relacionadas a demonstrações de lealdades políticas, trabalhadas por Beaune¹³², que nos mostram o uso em paralelo, pelo poder secular e religioso, de mecanismos que, em última instância, serviam de veículo de comunicação com as massas, com o objetivo de fortalecer e legitimar o poder estabelecido.

A preponderância da comunidade religiosa sobre qualquer vínculo nacional é destacada por Anderson, no entanto, Kantorowicz demonstra o contrário, e situa a origem deste processo nas disputas entre o rei francês Filipe IV e o Papa Bonifácio VIII, onde, pela primeira vez, encontramos o uso de argumentos patrióticos.

Em decorrência deste evento, temos a secularização do modelo dos impostos para as cruzadas, “uma adaptação da linguagem jurídica aos fins nacionais”¹³³. A França, o reino mais querido de Deus, tanto que seus reis tinham o poder de curar doenças¹³⁴, salvaria a cristandade do seu próprio líder. Segundo Kantorowicz, os valores éticos referentes à “pátria dos céus” foram transferidos para as comunidades políticas da terra. Com estes argumentos, diluímos a incompatibilidade da comunidade religiosa com o sentimento nacional.

Língua e Nação

Outro ponto a ser discutido é a questão das línguas vernáculas. Para Anderson “nada sugere que existisse qualquer profundo impulso ideológico, e menos ainda protonacional, por trás dessa vernaculização, onde ela veio a ocorrer”¹³⁵. O autor escolhe o caso da Inglaterra para ilustrar sua afirmação, quando

antes da conquista normanda, a língua da corte, literária e administrativa, era o anglo saxão. Nos 150 anos seguintes, praticamente todos os documentos régios foram redigidos em latim. Entre 1200 e 1350, esse latim foi substituído pelo franco-normando. Entrementes, uma lenta fusão entre essa língua, de uma classe dirigente estrangeira, e o anglo-saxão, da população de súditos gerou o médio-inglês. Essa fusão permitiu que a nova língua se tornasse, após 1362, a língua das cortes – e da sessão inaugural do Parlamento¹³⁶.

¹³² BEAUNE, 1991, p. 16

¹³³ KANTOROWICZ, op. cit, 1998. p.148.

¹³⁴ A taumaturgia real, poder de cura atribuído aos reis ingleses e franceses desde o séc, XII, é estudada por Marc Bloch. Ver BLOCH, Marc. Os reis taumaturgos: O caráter sobrenatural do poder régio, França e Inglaterra. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

¹³⁵ ANDERSON, 2008, p.76.

¹³⁶ ANDERSON, 2008, p.76.

Anderson explica que “a escolha da língua aparece como fruto de um desenvolvimento gradual, inconsciente, pragmático, para não dizer aleatório”.¹³⁷ Ao afirmar isto, o autor ignora um fator de extrema relevância: a Guerra dos Cem Anos. Em 1362, a Inglaterra está em guerra contra a França há 25 anos! Não pode ser aleatória a escolha de não falar mais a língua de um país inimigo. E conforme observamos, o *Bourgeois* distingue explicitamente o idioma dos ingleses.

Mesmo com a explicitação dos motivos que o levam a excluir a possibilidade de um nacionalismo na Idade Média, escolhemos a obra de Anderson, pois sua teorização contempla o entendimento do nacionalismo enquanto um sentimento que surge a partir da população, não sendo uma ideologia concebida para mobilização das massas em torno de um plano articulado a partir do governo, como é proposto, por exemplo, por Eric Hobsbawm. Para este, “a nação pertence exclusivamente a um período particular e historicamente recente”¹³⁸. Além disso, “as nações existem não apenas como funções de um tipo particular de Estado territorial ou da aspiração de assim se estabelece – amplamente falando, o Estado-cidadão da Revolução Francesa –, como também no contexto de um estágio particular do desenvolvimento econômico e tecnológico”¹³⁹. Segundo Hobsbawm, a nação é construída “pelo alto”¹⁴⁰, considerando que as pessoas comuns constituem-se em “objeto de ação e propaganda”¹⁴¹.

A teorização de Anderson, assim como a de Mello, nos permite articular o nacionalismo com um mínimo de espontaneidade das pessoas comuns, entendendo o nacionalismo a partir “de baixo”, não por dar voz à população em geral, mas por permitir o entendimento dos mecanismos que funcionam fora da esfera da imposição de uma ideologia pelo Estado. No caso da análise do surgimento desse sentimento na França do século XV, atribuímos à xenofobia gerada pelas devastações causadas pelas tropas inglesas a função de gatilho de um nacionalismo incipiente.

Não pretendemos sugerir que podemos encontrar o fenômeno contemporâneo do nacionalismo no período medieval, trabalhamos com a idéia do surgimento do sentimento que daria origem ao nacionalismo contemporâneo, conforme Keeney

¹³⁷ ANDERSON, 2008, p.77.

¹³⁸ HOBBSAWM, Eric. *Nações e Nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro: Zahar, 1991, p. 19.

¹³⁹ HOBBSAWM, 1991, p. 19.

¹⁴⁰ HOBBSAWM, 1991, p. 20.

¹⁴¹ HOBBSAWM, 1991, p. 20.

o nacionalismo não existe em sua forma moderna na Idade Média, com demandas de lealdade excluindo todas as outras lealdades. Havia, entretanto, um sentimento de obrigação para com o rei e a comunidade do reino. [...] Muitos dos sintomas do nacionalismo eram evidentes na Inglaterra na virada do século XIV. A consciência de um tipo de compartilhamento por um grupo de pessoas unidas em um estado está presente no conceito de comunidade do reino.¹⁴²

Em nossa análise do *Journal d'un Bourgeois* frequentemente nos deparamos com manifestações representativas dessa consciência de uma comunidade imaginada, utilizando os termos de Anderson. Obviamente, não é possível analisar o fenômeno do nacionalismo no período medieval a partir dos pressupostos estabelecidos por Eric Hobsbawm, pois neste período não havia a tecnologia utilizada na mobilização das massas que há no período contemporâneo. No entanto, destacamos dois aspectos importantes: em primeiro lugar, mesmo não contando com uma tecnologia de comunicação de massas, não significa que no período medieval, de acordo com os recursos disponíveis, não houvesse uma difusão de uma ideologia legitimadora; em segundo lugar, a perspectiva de Hobsbawm analisa o nacionalismo como uma ideologia utilizada para a construção de uma unidade, de uma identidade coletiva associada ao estado nacional, mas relega as manifestações espontâneas, que tem como sua expressão mais primitiva a xenofobia.

¹⁴² KEENEY, B. C. *Military service and the development of nationalism in England: 1272-1327*. *Speculum*, 22, 1947, p.535.

CONCLUSÃO

O conceito de nacionalismo apresenta uma pluralidade de modelos, baseados em grande parte na ideologia apoiada pelo pesquisador que se debruça em sua definição. A partir de toda problemática e ressalvas expostas em nosso terceiro capítulo, constatamos que a teorização proposta por Anderson, assim como a de José Roberto Mello, nos permite articular o nacionalismo com a análise dos relatos do *Journal d'un Bourgeois de Paris*.

Na leitura do *Journal d'un Bourgeois* frequentemente nos deparamos com manifestações representativas dessa consciência de um compartilhamento por uma comunidade imaginada, utilizando os termos de Anderson. Tomando o *Journal* como um relato representativo de, pelo menos, uma parte da sociedade medieval, podemos constatar que na França, durante o século XV, houve o desenvolvimento de um princípio daquilo que contemporaneamente nomeamos como nacionalismo.

Além disso, pelas características da origem de nossa fonte, da qual desconhecemos a identidade do autor e seus objetivos, não podemos atribuir ao *Journal* o status de propaganda política. Porém, podemos detectar elementos que nos sugerem traços de um nacionalismo embrionário, derivado, em última instância, da xenofobia gerada pelas devastações causadas pelas tropas inglesas. Nesse sentido, o fenômeno não nos direciona para a sua compreensão como uma ideologia forjada para inculcar na população uma identificação unitária, ao contrário, podemos sugerir que seu surgimento dentro da comunidade do reino conta com um mínimo de espontaneidade, da qual Joana d'Arc é uma das expressões mais visíveis.

Concomitantemente à Guerra dos Cem Anos ocorreu a guerra civil francesa, na qual a nobreza se divide em facções rivais. Estes grupos terão apoio de determinadas parcelas da população, o *Bourgeois*, por exemplo, dedica sua simpatia ao grupo Borguinão, em relação ao conflito interno. No entanto, a partir do momento em que seu grupo faz alianças com os ingleses, seu relato ganha outra tonalidade, onde o domínio inglês torna-se aceitável.

Com a guerra civil, temos uma diferenciação entre o “outro”, representado pelo grupo Armagnacs, que posteriormente será agregado com parte do grupo “francês”. Apesar dessa divisão causada pela guerra civil, ao longo de toda a obra o *Bourgeois* refere-se ao sofrimento que atinge *toda a França*, logo, percebemos em seus escritos

uma noção de compartilhamento do sofrimento por uma comunidade, comunidade delimitada, pois sofrem os franceses.

Apresentamos em nosso primeiro capítulo a problemática sobre a convivência dos medievos com a Guerra dos Cem Anos, que detectamos através da alternância entre relatos banais e apontamentos sobre os conflitos, as constantes críticas do autor nos levam a crer que a guerra não era aceita por todos aqueles que a viveram.

Este trabalho deixa em aberto muitas questões, que pretendemos trabalhar futuramente, agregando um número maior de fontes e expandindo a sua problematização. No entanto, como conclusão do problema de pesquisa: Como compreender, através da problematização do conceito de nacionalismo para o período medieval, as manifestações sobre a Guerra dos Cem Anos, expressas na obra *Journal d'un Bourgeois de Paris* escrita na França no século XV? Respondemos que o *Journal* nos apresenta sintomas de um incipiente nacionalismo, que se cristalizarão na formação da identidade nacional francesa.

Obviamente, não é possível analisar o fenômeno do nacionalismo no período medieval a partir dos pressupostos estabelecidos por Eric Hosbasbawm, ou por qualquer outro autor que se proponha a estudar o nacionalismo no período contemporâneo e a partir das condições específicas engendradas pelo capitalismo. No entanto, ao trabalharmos com uma perspectiva mais ampla, que aborda o nacionalismo como um sentimento de pertencimento, despidendo sua conceitualização de qualquer critério atrelado a uma conjuntura específica, podemos perceber uma clara diferença entre os regionalismos e pertencimentos locais e o nacionalismo, e sua manifestação no contexto da Guerra dos Cem Anos.

BIBLIOGRAFIA

Fontes e bibliografia

Fontes

BEAUNE, Colette (Ed.). *Journal d'un Bourgeois de Paris*. Librairie Générale Française, 1990.

Bibliografia

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

BALAKRISHNAN, Gopal. *Um mapa da questão nacional*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

BEUNE, Collete. *The birth of an ideology: myths and symbols of nation in late-medieval France*. Berkeley: University of California Press, 1991.

_____. *Joana d'Arc: uma biografia*. São Paulo: Globo, 2006.

CARVALHO, José Murilo. *A Formação das Almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das letras, 1990

CONTAMINE, Phlippe. *Aperçus sur la propagande de guerre, de la fin du XIIe au XVe siècle: les Croisades et la Guerre de Cents Ans*. In: Camarosano, P. *Le forme della propaganda politica nel due e nel trecento*. Ed. P. Rome, 1994, p. 5-27.

_____. *War in de middle ages*. Nova York: Barnes & Noble, 1998.

CONTAMINE, Philippe. *La Guerre de Cent Ans*. Paris: Presses Universitaires de France, 1992.

- CLAUSEWITZ, Carl von. *Da guerra*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- GELLNER, Ernest. *Nations and Nationalism*. Ithaca: Cornell Un. Press, 1983.
- GENET, Jean-Philippe. *Identité, espace, langue*. In.: Cahiers de recherche médiévales et humanists, n 19, 2010. pp. 2-9.
- GOMES, Luciano, AMEIDA, Cybele Crossetti: *Poesia e História em defesa de um ideal: uma análise do Ditié de Jehanne d'Arc de Christine de Pisan*. In: PEREIRA, N. M., ALMEIDA, C. C., TEIXEIRA, I. S.. (Orgs.). Reflexões sobre o medievo. São Leopoldo: OIKOS, 2009, p. 247-269
- GUENÉE, Bernard. *O Ocidente nos séculos XIV e XV: os Estados*. São Paulo: Pioneira, 1981.
- HEERS, Jacques. *O Ocidente nos séculos XIV e XV: aspectos econômicos e sociais*. São Paulo: Pioneira, 1981.
- HELIODORA, Barbara. *Falando de Shakespeare*. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- HOBBSBAWN, Eric. *Nações e Nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.
- JOURDIN, Michel Mollat du. *La guerre de Cent Ans vue pra ceux qui l'ont vécue*. Paris: Éditions du Seuil, 1992.
- KANTOROWICZ, Ernst. *Os Dois Corpos do Rei: Um estudo sobre teologia política medieval*. SP: Cia das Letras, 1998.
- KEENEY, B. C. *Military service and the development of nationalism in England: 1272-1327*. Speculum, 22, 1947. pp. 534-549.

MACEDO, José Rivair. *O problema do patriotismo e do nacionalismo francês na Idade Média e Quadrilogue Invectif de Alain Chartier*. In: Revista UMC, v.2, n.1, 1990, p. 50-56.

McDOWALL, David. *An illustred history of Britain*. Essex: Longman, 1989.

MELLO, José Roberto de Almeida. *A insularização da monarquia angevina e a formação da nação inglesa: séculos XIII e XV*. Tese de doutoramento, São Paulo: USP, 1972.

_____. *Poesia politica e relações anglo-francesas no século XIII*. In: Revista de História, USP, n. 119 (jul/set 1985-1988). pp. 199-212.

REMOND, René (Org.). *Por uma História Política*. Rio de Janeiro : Editora FGV, 2003.

REZENDE Fº, Cyro. *Guerra e Guerreiros na Idade Média*. São Paulo: Contexto. 1996.

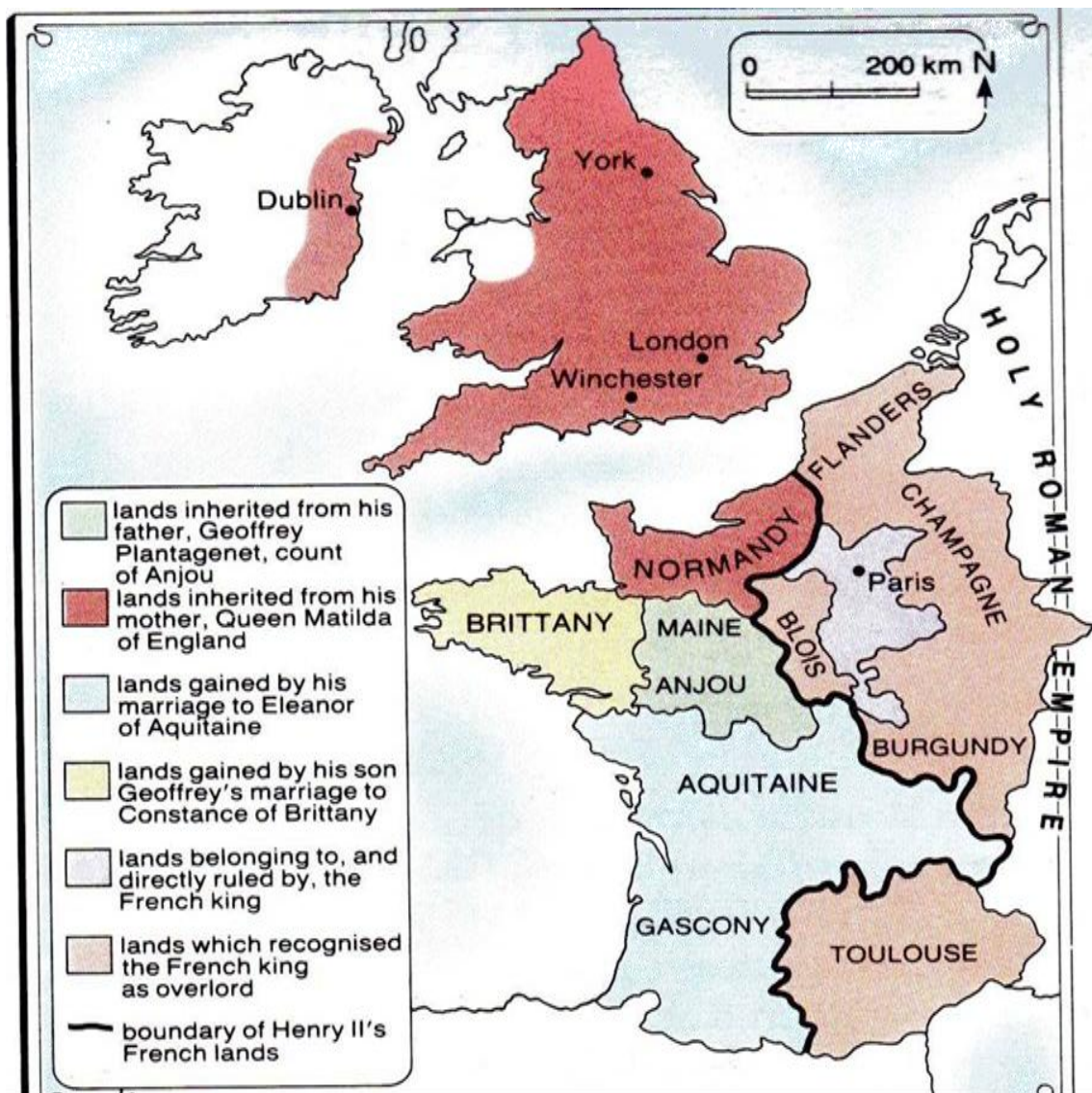
SILVA, Victor Deodato da. *Cavalaria e nobreza no fim da Idade Média*. São Paulo: Itatiaia: Editora da Universidade de São Paulo, 1990.

STRAYER, Joseph R. *As origens medievais do estado moderno*. Lisboa: Gradiva, 1986.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. 4ª Ed. – Brasília: Ed. UNB, 2000, 2009 (reimpressão).

Anexo I

Territórios do Império Angevino



Anexo II

Genealogias e disputas dinásticas: os últimos Capetíngios diretos

